

ECOS

da Companhia



VIDA ESPIRITUAL, DESAFIOS, ATUALIDADE, HISTÓRIA

BOLETIM BIMESTRAL DAS FILHAS DA CARIDADE
DE SÃO VICENTE DE PAULO

140, RUE DU BAC – 75007 – PARIS

Diagramação:

SETOR DE DESIGN - PROVÍNCIA DE CURITIBA

Impressão:

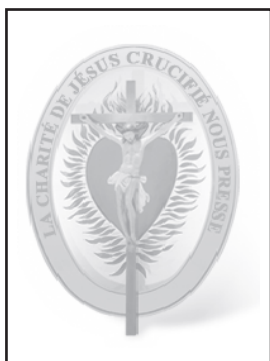
ICQ GRÁFICA E EDITORA LTDA - CURITIBA/PR

JULHO
AGOSTO
2020
Nº4

PARA SE TORNAR UM SANTO,
DEVE-SE IMITAR AS CRIANCINHAS.
ELAS NÃO CONHECEM NENHUMA TEORIA,
MAS, CONTENTAM-SE
EM OLHAR PARA SUA MÃE
E IMITÁ-LA.

ELAS PENSAM QUE ELA SABE DE TUDO
E QUE TUDO O QUE ELA FAZ ESTÁ CORRETO.
OLHAI PARA MARIA,
FAZEI O QUE ELA FEZ,
E SEREIS SANTOS.

CARDEAL FRANÇOIS-XAVIER
NGUYEN VAN THUAN



**A audácia
da santidade
para
um novo elã
missionário**

Sumário

Vida espiritual

- 223 Carta de 15 de agosto de 2020
Irmã Françoise Petit, Superiora geral
- 227 Eu... renovo as promessas do meu batismo
Padre Bernard Schoepfer, Diretor geral

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de Vocação

- 239 Os apelos urgentes para ser fiel ao carisma hoje
Padre Tomaž Mavrič, Superior geral
- 248 Compreensão e vivência dos votos hoje
Os votos e o seguimento de Cristo
Padre Patrick Griffin, cm
- 260 Compreensão e vivência dos votos hoje
O quarto voto como uma bússola
Padre Patrick Griffin, cm

- 270 Compreensão e vivência dos votos hoje
Os três votos: discipulado como resposta
Padre Patrick Griffin, cm

Atualidades das Províncias

Testemunho das Irmãs

- 284 Província da África Central - Burundi
“Os projetos de Deus não são os nossos”
Irmã Christine Ndayisenga, Filha da Caridade
Comunidade de Kiguhu

Carta de 15 de agosto de 2020

Paris, 15 de agosto de 2020

Queridas Irmãs,

“Minhas Irmãs, coloquemo-nos sob a sua proteção (a de Maria), consagremo-nos a Seu Filho e a Ela sem reserva, para que governe a Companhia em geral e cada uma em particular” (SV, conf.de 8 de dezembro de 1658, pág. 854).

Ao celebrarmos Maria elevada à glória do céu, Maria coroada de estrelas, a liturgia oferece-nos uma narrativa onde ela está simplesmente presente; Maria não tem pressa e demonstra uma presença verdadeira e ponderada.

Ela saiu porta a fora, ousou deixar os lugares habituais. Ela partiu, arriscou pegar a estrada e até mesmo empreendeu caminhos difíceis. Maria foi ao encontro de sua prima para permanecer com ela o tempo necessário. Como não ver nesta atitude de Maria, a ação que toda a Companhia e cada uma em particular deseja viver? Ephata para encontrar!

O dia 15 de agosto é um dia de encontro. Maria sobe ao céu para encontrar seu Salvador: *“A minha alma engrandece o Senhor; exulta meu espírito em Deus meu Salvador” (Lc 1, 46-47)*. De maneira simples e modesta, Maria encontra-se com Isabel e coloca-se à disposição para ouvir e servir. *“Maria ficou três meses com Isabel; depois voltou para casa” (Lc 1, 56)*.



Vida
Espiritual

Carta de 15 de agosto de 2020

Nossos encontros podem assemelhar-se a estes quando seguimos o exemplo de Maria, cujo coração está aberto tanto para Deus quanto para os outros. De fato, a glória de Maria vem da sua humildade no serviço, de sua escuta amorosa, de sua presença gratuita, de sua disponibilidade que não é imposta. Ela é o modelo da relação adequada, aquela que deixa todo o espaço para o outro. Ela vai prestar um serviço e depois retorna para casa.

Não é de admirar que Maria tenha sido, desde sempre, invocada e amada em toda parte, especialmente pelos pobres de coração, que se sentem profundamente ouvidos e respeitados quando a ela se dirigem.

Um dia, em uma prisão feminina, durante a Missa, presidiárias cantavam a plenos pulmões:

Maria, escutai as nossas preces, todos os nossos clamores e agradecimentos.

*Por nossos pais e por nossas mães, aqueles que fazem a vida crescer.
Por aqueles que perderam tudo e por aqueles que vivem nas ruas.
Por todos os povos do mundo, Ave Maria.
Maria, coração pobre, eu me aproximo de vós,
Ofereço-vos minha oração, que é a minha riqueza.
Maria, coração pobre, vosso povo está convosco.
Escutai minha prece, que minha fé cresça.
E se eu procuro vosso sorriso, na alegria ou na tristeza,
Eu vos amo por Jesus Cristo: Ave Maria!*

Fechemos os olhos, imaginemos, escutemo-las... quanta intensidade, quanta confiança, quanta fé! “*Eu vos amo por Jesus Cristo: Ave Maria!*”.

Todas nós já fizemos a experiência de rezar a Maria com os nossos irmãos, irmãs, amigos mais frágeis, os mais isolados, com os mais pobres. Eles têm a capacidade de tornar Maria mais próxima, mais humana, ela que está tão perto de Deus. Compartilhemos em Comunidade estes momentos de oração e de encontro com aquelas e aqueles que nos ensinam a confiar ainda mais em Maria.

Hoje, a exemplo destas mulheres privadas de liberdade, olhemos para Maria que sobe ao céu, mas também para Maria que vai, apressadamente pelas montanhas, encontrar sua prima Isabel, em um encontro gratuito, cheio de amor, que nos abre à vida e à esperança.

Esta esperança ofertada permite perseverar, embora, há vários meses, o mundo esteja conturbado. Percebo os sinais desta esperança através das muitas mensagens e cartas que me foram enviadas nestes últimos tempos. Gostaria de expressar-lhes meu agradecimento sincero, sobretudo, pelo apoio através da oração. Saibam que eu também rezo diariamente por todas, principalmente por aquelas que vivem, algumas vezes, situações difíceis, seja pessoal ou comunitariamente devido à pobreza que as rodeiam. Suas correspondências expressam tudo isto de forma muito simples e permitem-me sentir o quanto estão em comunhão e próximas umas das outras. De fato, cada uma está preocupada com o que está acontecendo no mundo, nas diferentes Províncias. Existe o sentimento de revolta diante das injustiças e da falta de humanidade para com as pessoas idosas e deficientes, migrantes e menores abandonados... qualquer que seja a distância dos países ou a especificidade dos lugares, com muita frequência, a Filha da Caridade está presente com o coração, lutando e acompanhando discretamente. Tudo isto são motivos para rezar, suplicar, mas também para dar graças.

Quero igualmente compartilhar outro sinal de esperança para toda a Companhia. Trata-se do envio em missão Ad Gentes, no dia 11 de julho de 2020, da Irmã Katarzyna JABS, da Província de Chelmno-Poznan para a Província do Congo e da Irmã Diala KASSABLY, da Província do Próximo Oriente para a Província Espanha-Sur, missão da Mauritânia, onde encontrará a Irmã Maria Kim Thoa LE THI KIM THOA, da Província do Vietnã, que foi enviada em missão no dia 11 de setembro de 2019.

Aproveito esta carta para comunicar-lhes as últimas notícias do Líbano. A situação permanece caótica com enormes danos tanto na cidade quanto em nossas Comunidades. Os jovens libaneses, especialmente os da JMV, colaboram na limpeza das ruas, das casas, etc. Várias Comunidades das Filhas da Caridade acolhem famílias que perderam tudo. As Irmãs sabem que podem contar com as orações de todas e eu lhes agradeço por isso.

Carta de 15 de agosto de 2020

Que Maria nos acompanhe nos caminhos do mundo, junto a nossos irmãos e irmãs que sofrem as primeiras consequências das catástrofes e da pandemia. Cada uma de nós pode dar a sua contribuição, por menor que ela possa parecer, seja através da ação ou da oração, da palavra ou do silêncio, da proximidade física ou além das fronteiras. Cada encontro com a pessoa que está sofrendo é um sinal de humanidade que pode ajudá-la. Sejam as aquelas que encontram os bons gestos e as atitudes corretas. Roguemos a Maria que nos ajude: “*Santíssima Virgem que declarastes no Vosso cântico, que foi pela Vossa humildade que Deus fez em Vós grandes coisas, alcançai à Companhia a graça de Vos imitar...*” (SV, conf. de 2 de dezembro de 1657, sobre a obediência, pág. 714).

Feliz festa da Assunção da Virgem Maria, feliz festa do encontro!

Irmã Françoise PETIT
Filha da Caridade

Eu... renovo as promessas de meu batismo

*Senhor, em resposta a teu chamado que me convida a seguir o Cristo
E a ser testemunha de sua Caridade para com os pobres,
eu... renovo as promessas de meu batismo
E me entrego a ti na Companhia das Filhas da Caridade!*

I. MEDITAÇÃO SOBRE O BATISMO COM O PAPA FRANCISCO

Em 2018, durante o tempo pascal, o Papa Francisco ao longo de várias audiências de quarta-feira, propôs uma reflexão sobre o sacramento do batismo. Nesta primeira parte de nossa conferência, vejamos alguns trechos destas catequeses.

1. O batismo é o fundamento de toda a vida cristã²

De fato, somos cristãos à medida que deixamos Jesus Cristo viver em nós. Então, por onde começar a fim de reavivar esta consciência se não pelo princípio, pelo *Sacramento que acendeu em nós a vida cristã? Pelo Batismo*. A Páscoa de Cristo, com sua carga de novidade, chega até nós através do Batismo para nos transformar à sua imagem: os batizados pertencem a *Jesus Cristo*, Ele é o *Senhor* de sua existência.

O Batismo é o “fundamento de toda a vida cristã”. É o primeiro dos Sacramentos, porque é a *porta* que permite a Cristo Senhor habitar nossa pessoa e, a nós, imergir-nos em seu Mistério. O verbo grego “batizar” significa “imergir”. Tertuliano disse: “*para nós cristãos não deve passar despercebido que se é o corpo a ser imergido na água, é*

Eu... renovo as promessas do meu batismo

a alma que é imersa em Cristo para receber o perdão do pecado e resplandecer de luz divina”³.

Em virtude do Espírito Santo, o Batismo imerge-nos na morte e ressurreição do Senhor, afogando na pia batismal o homem velho, dominado pelo pecado que nos separa de Deus, fazendo com que nasça o homem novo, recriado em Jesus. N’Ele, todos os filhos de Adão são chamados para a vida nova, ou seja, o Batismo é um renascimento.

Todos devemos saber a data de nosso batismo. É outro aniversário: o aniversário do renascimento. Por conseguinte, o Batismo é sinal eficaz de renascimento para caminhar em novidade de vida. Imergindo-nos em Cristo, o Batismo torna-nos também membros de seu Corpo, que é a Igreja, e participamos de sua missão no mundo.

Nós, batizados, não estamos isolados: somos membros do Corpo de Cristo. A vitalidade que brota da pia batismal é ilustrada por estas palavras de Jesus: "*Eu sou a videira, vós os ramos: quem está em mim e eu nele, esse dá muito fruto*" (cf. Jo 15, 5).

O Batismo permite que Cristo viva em nós e, a nós, que vivamos unidos a Ele para colaborar na Igreja, cada um segundo a própria condição, para a transformação do mundo. Recebido uma única vez, o banho batismal ilumina toda nossa vida, guiando nossos passos até a Jerusalém Celeste. Existe um antes e um depois do Batismo.

Ninguém merece o Batismo, que é sempre dom gratuito para todos, adultos e recém-nascidos. Mas, como acontece com uma semente cheia de vida, este dom ganha raízes e dá fruto num terreno alimentado pela fé. As promessas batismais que a cada ano renovamos na Vigília Pascal devem ser reavivadas todos os dias a fim de que o Batismo "*crisifique*": não devemos ter medo desta palavra. O Batismo "*crisifica-nos*". Quem recebeu o Batismo e é "*crisificado*" assemelha-se a Cristo, transforma-se em Cristo, tornando-se de veras outro Cristo⁴.

2. A celebração do batismo⁵

O significado do Batismo sobressai claramente de sua celebração. Considerando os gestos e as palavras da liturgia, podemos compreender a graça e o compromisso deste Sacramento, que deve ser sempre redescoberto. Fazemos memória dela na aspersão com a água benta, que se pode realizar no domingo, no início da Missa assim como na renovação das promessas batismais, durante a Vigília pascal.

Com efeito, o que acontece na celebração do Batismo suscita uma dinâmica espiritual que atravessa toda a vida dos batizados; é o início de um processo que nos permite viver unidos a Cristo na Igreja. Portanto, regressar à nascente da vida cristã leva-nos a compreender melhor o dom recebido no dia de nosso Batismo e a renovar o compromisso de lhe corresponder na condição em que estamos hoje.

Antes de tudo, no rito de acolhimento pergunta-se qual é o nome do candidato, porque o nome indica a identidade de uma pessoa. Quando nos apresentamos, dizemos imediatamente o nosso nome: “Chamo-me assim”, para sair do anonimato; anônimo é quem não tem um nome. Para sair do anonimato dizemos imediatamente o nosso nome. Sem um nome permanecemos desconhecidos, sem direitos nem deveres. Deus chama cada um pelo nome, amando-nos individualmente, na realidade de nossa história.

O Batismo acende a vocação pessoal a ser vivida como cristão, que se desenvolverá durante a vida inteira. Comporta uma resposta pessoal, não emprestada, com um “cópia e cola”. Com efeito, a vida cristã é tecida com uma série de chamadas e respostas. Deus continua a pronunciar nosso nome ao longo dos anos, fazendo ressoar de muitas maneiras seu chamado a nos conformarmos com seu Filho Jesus.

Sem dúvida, tornar-se cristão é um dom que vem do alto (cf. Jo 3, 3-8). A fé não se pode comprar, mas sim pedir e receber como dom. **“Senhor, concedei-me o dom da fé!”**, é uma bonita oração! **“Que eu tenha fé!”** é uma bonita prece. Pedi-la como dom, mas não se pode comprá-la, pede-se. Com efeito, *“o Batismo é o sacramento daquela fé, com a*

Eu... renovo as promessas do meu batismo

qual os homens, iluminados pela graça do Espírito Santo, respondem ao Evangelho de Cristo”.

O sinal da cruz... manifesta a marca de Cristo impressa naquele que vai passar a pertencer-lhe e significa a graça da redenção que Cristo nos adquiriu pela sua cruz. A cruz é o distintivo que manifesta quem somos: o nosso falar, pensar, olhar e agir estão sob o sinal da cruz, ou seja, sob o sinal do amor de Jesus até ao fim.

Tornamo-nos cristãos à medida em que a cruz se imprime em nós como uma marca “pascal”, tornando visível, inclusive exteriormente, o modo cristão de enfrentar a vida. Fazer o sinal da cruz quando acordamos, antes das refeições, diante de um perigo, em defesa contra o mal, à noite antes de dormir, significa dizer a nós mesmos e aos outros a quem pertencemos, quem desejamos ser.

3. Os ritos centrais⁶

Consideremos antes de tudo a água, sobre a qual é invocado o poder do Espírito, a fim de que tenha a força de regenerar e renovar. A água é matriz de vida e de bem-estar, enquanto a sua falta provoca o esmorecimento de toda a fecundidade, como acontece no deserto; mas a água pode ser também causa de morte, quando submerge entre as suas ondas ou, em grande quantidade, devasta tudo; por fim, a água tem a capacidade de lavar, limpar e purificar.

A prece de bênção diz que Deus preparou a água “para ser sinal do Batismo», recordando as principais prefigurações bíblicas: sobre as águas primordiais pairava o Espírito, para transformá-las em germe de vida (cf. Gn 1, 1-2); a água do dilúvio marcou o fim do pecado e o início da nova vida (cf. Gn 7, 6-8, 22); através da água do Mar Vermelho, os filhos de Abraão foram libertados da escravidão do Egito (cf. Êx 14, 15-31). A propósito de Jesus, recorda-se o Batismo no Jordão (cf. Mt 3, 13-17), o sangue e a água derramados de seu lado (cf. Jo 19, 31-37), e o mandato dado aos discípulos, para batizar todos os povos em nome da Trindade (cf. Mt 28, 19).

Assim, esta água é transformada em água que traz em si a força do Espírito Santo. E mediante esta água, com a força do Espírito Santo, batizamos as pessoas, os adultos, as crianças, todos.

Santificada a água da pia batismal, é preciso dispor o coração para aceder ao Batismo. Isto acontece mediante a *renúncia a Satanás e a profissão de fé*, dois gestos estritamente ligados entre si. À medida em que digo “não” às sugestões do diabo - aquele que divide - torno-me capaz de dizer “sim” a Deus, que me chama a conformar-me com Ele nos pensamentos e nas ações.

O diabo divide; Deus une sempre a comunidade, as pessoas num único povo. Não é possível aderir a Cristo, impondo condições. É necessário desapegar-se de certos vínculos para poder realmente abraçar outros; ou estás de bem com Deus, ou com o diabo.

Por isso, a renúncia e o ato de fé caminham juntos. É preciso eliminar pontes, deixando-as atrás, para empreender o novo Caminho, que é Cristo.

4. A santa imersão acompanhada pela invocação da Santíssima Trindade⁷

Se nossos pais nos geraram para a vida terrena, a Igreja regenerou-nos para a vida eterna no Batismo. Tornamo-nos filhos em seu Filho Jesus (cf. Rm 8, 15; Gl 4, 5-7). Também sobre cada um de nós, renascidos da água e do Espírito Santo, o Pai celestial faz ressoar com amor infinito a sua voz que diz: **“Tu és o meu filho amado”** (cf. Mt 3, 17).

Esta voz paternal, impercetível ao ouvido, mas bem audível pelo coração de quem crê, acompanha-nos durante a vida inteira, sem nunca nos abandonar. Durante toda a vida, o Pai diz-nos: **“Tu és o meu filho amado, tu és a minha filha amada”**.

Somos filhos de Deus renascidos para sempre! Com efeito, o Batismo não se repete, porque imprime *um selo espiritual indelével*: **“Este selo não é apagado por pecado algum, embora o pecado impeça o Batismo de produzir frutos de salvação”** (CIC, n. 1272). O selo do Batismo nunca se perde!

Eu... renovo as promessas do meu batismo

Portanto, o sacerdote unge com o sagrado crisma a cabeça de cada batizado, depois de ter pronunciado estas palavras que explicam o seu significado: **“É o próprio Deus quem vos consagra com o crisma de salvação para que, inseridos em Cristo, sacerdote, rei e profeta, sejais sempre membros de seu corpo para a vida eterna”**.

Com efeito, animado pelo único Espírito, todo o Povo de Deus participa das funções de Jesus Cristo, **“Sacerdote, Rei e Profeta”**, e assume as responsabilidades de missão e serviço que disto derivam (cf. CIC, 783-786). O que significa participar do sacerdócio real e profético de Cristo? Significa fazer de si uma oferta agradável a Deus (cf. *Rm* 12, 1), dando-lhe testemunho através de uma vida de fé e de caridade (cf. *Lumen gentium*, 12), colocando-a ao serviço dos outros, a exemplo do Senhor Jesus.

5. Os efeitos espirituais do batismo⁸

Os efeitos espirituais deste sacramento, invisíveis aos olhos mas ativos no coração de quem se tornou criatura nova, são explicitados pela entrega da veste branca e da vela acesa. Depois da imersão de regeneração, capaz de recriar o homem segundo Deus na verdadeira santidade (cf. *Ef* 4, 24), pareceu natural, desde os primeiros séculos, revestir os recém-batizados com uma veste nova, cândida, à semelhança do esplendor da vida obtida em Cristo e no Espírito Santo. A veste branca, expressa simbolicamente o que aconteceu no sacramento e anuncia a condição dos transfigurados na glória divina.

São Paulo recorda o que significa revestir-se de Cristo, explicando quais são as virtudes que os batizados devem cultivar: **“Escolhidos por Deus, santos e amados, revesti-vos de sentimentos de ternura, de bondade, de humildade, de mansidão, de magnanimidade, suportando-vos uns aos outros e perdoando-vos reciprocamente. Mas acima de tudo, revesti-vos da caridade que as une todas de modo perfeito”** (*Cl* 3, 12-14).

Também a entrega ritual da chama acendida no círio pascal recorda o efeito do Batismo: **“Recebei a luz de Cristo”**, diz o sacerdote. Estas palavras recordam que não somos nós a luz, mas a luz é Jesus Cristo (*Jo* 1, 9; 12, 46), o qual, ressuscitando dos mortos, venceu as trevas do mal. Nós somos chamados a receber o seu esplendor! Assim como a

chama do círio pascal acende cada uma das velas, também a caridade do Senhor Ressuscitado inflama os corações dos batizados, cumulando-os de luz e calor. E por isso, desde os primeiros séculos, o Batismo chamava-se também “*iluminação*” e aquele que era batizado dizia-se que estava “*iluminado*”.

Com efeito, é esta a vocação cristã: “*Caminhar sempre como filhos da luz, perseverando na fé*”. A presença viva de Cristo, que deve ser preservada, defendida e incrementada em nós, é lâmpada que ilumina os nossos passos, luz que orienta as nossas opções, chama que aquece os corações no caminho rumo ao Senhor, tornando-nos capazes de ajudar quem percorre o caminho conosco, até à comunhão inseparável com Ele.

A celebração do Batismo conclui-se com a recitação do Pai-Nosso, própria da comunidade dos filhos de Deus. No final destas catequeses sobre o Batismo, repito a cada um de vós o convite que expressei na Exortação apostólica Gaudete et exultate: “*Deixa que a graça do teu Batismo frutifique num caminho de santidade. Deixa que tudo esteja aberto a Deus e, para isso, opta por Ele, escolhe Deus sem cessar. Não desanimes, porque tens a força do Espírito Santo para tornar possível a santidade e, no fundo, esta é o fruto do Espírito Santo na tua vida*” (cf. Gal 5, 22-23)”⁹.

II. NOSSOS FUNDADORES E O BATISMO¹⁰

São Vicente sabe explicar muito bem o que significa o batismo e o que ele produz no cristão bem preparado. Assim como Santa Luísa de Marillac, ele fala como um sábio teólogo. Ao se tornar Fundador, ele é capaz de nos explicar, como a vocação de “consagrado, de doação”, produz um compromisso que tem valor de eternidade.

O pensamento expressado por São Vicente não conhece longos desenvolvimentos sobre o batismo. Ele conhece os seus clássicos e, para ele, é a base sólida que nos faz aderir a Jesus Cristo. Ansioso por dar uma catequese aplicada às Filhas da Caridade, cuja maioria não sabia ler, ele explicava e detalhava o que era necessário conhecer para ensinar aos mais incultos. Ele não deixa de entrar em pormenores.

Eu... renovo as promessas do meu batismo

“É que sois cristãs, minhas Irmãs, e por conseguinte, obrigadas a fazer guerra ao mundo pelas promessas que fizestes a Deus por ocasião do vosso batismo. Quando vos perguntaram: ‘renunciáis ao demônio, ao mundo e às suas pompas? Respondestes: “renuncio”. E posto que o não tendeis dito vós mesmas, mas sim pela boca de vossos padrinhos, estais obrigadas a guardar essa fidelidade a Deus e a satisfazer a promessa que fizeram por vós. Não desejaríeis certamente renunciar ao carácter sagrado que recebestes nesse sacramento. Deveis, portanto, guardar as promessas que fizestes; doutro modo, seríeis cristãs na verdade, pois o carácter não se pode tirar mas não praticando as suas obras, sê-lo-íeis apenas de nome. Peço-vos que penseis um pouco nisto, minhas Irmãs: ‘Sou cristã por uma graça muito especial de Deus. Muitas outras serão condenadas por não terem recebido essa graça, elas que teriam sido melhores do que eu se Deus lhes tivesse concedido essa misericórdia. Quererei renunciar ao que prometi a Deus? Que grande crime seria esse e com que pena não mereceria ser castigada!’” Com certeza, se entrardes a valer nestes sentimentos conservareis o espírito de Deus e destruireis o espírito do mundo.” (SV, conf. de 28 de julho de 1648, sobre o espírito do mundo – pág. 284).

Por sua vez, Santa Luísa de Marillac, teóloga e mística ao mesmo tempo, oferece-nos um belo pensamento sobre o batismo. Ela faz-nos penetrar nos segredos de seu coração e sua viva sensibilidade ilumina o caminho de todos:

“Sendo o batismo um nascimento espiritual, deduz-se que, aquele no qual fomos batizados, é nosso Pai e, como bons filhos, devemos parecer-nos com Ele, pois, batizados na morte de Jesus Cristo, toda a nossa vida deve ser uma morte contínua. Por conseguinte, seria muito prejudicial à alma viver rodeada de delícias, tendo em conta, aliás, que essa morte na qual fomos batizados, foi causada pelo amor que, desde toda a eternidade, Nosso Senhor tem por nós, amor que não pode expressar-nos melhor do que por uma morte antecipada. Com efeito, se as criaturas fazem tanto caso desta vida, preferindo-a a tudo, quantos motivos não teria nosso querido Mestre para estimar a sua, acompanhada de toda espécie de virtudes e de um corpo vigoroso e em plena saúde! Por isso, como boa filha que quero ser, com o desejo de imitar tão bom Pai e para ser verdadeiramente filha de sua morte, não mais quero, ajudada por sua santa graça, não amar a morte que deve nos unir a Jesus Cristo por

toda a eternidade pois não é razoável que os membros fujam tanto quanto possam daquilo que seu Chefe tanto buscou.

Vivamos, pois, como mortas em Jesus Cristo e, portanto, nada de resistência a Jesus, nada de ações senão por Jesus, nem pensamentos senão em Jesus; numa palavra, não mais vida senão por Jesus e pelo próximo, para que, neste amor unitivo, ame eu tudo o que Jesus ama, para que este amor cujo centro é o amor eterno de Deus por suas criaturas, alcance de sua bondade as graças que sua misericórdia quer conceder-me”(SL, E. 69, pág. 900 - “pensamentos sobre o Batismo”).

Da vocação cristã à vocação consagrada, São Vicente e Santa Luísa aprofundaram com facilidade. Para eles, quer se trate de votos ou ordens sagradas, trata-se de se comprometerem com a lógica do batismo e de perseverarem neste percurso pascal. Todos os cristãos são chamados à perfeição. Santa Luísa de Marillac tem esta bela página sobre o Batismo, uma síntese quase mística à sua maneira habitual porque ela escreve para si mesma:

“Confiando, porém, na infinita misericórdia de meu Deus, com toda a minha alma, peço-Lhe perdão e total absolvição, tanto dos meus pecados já acusados como daqueles de que não me lembro, e, em especial, do abuso feito dos Santos Sacramentos, o que não poderia ocorrer sem grande desprezo de sua bondade. Disso me arrependo de novo, de todo o coração, apoiando-me nos méritos da morte do Salvador de minha alma, como único fundamento de minha esperança, em virtude da qual confesso e renovo a sagrada profissão feita em meu batismo em meu nome a meu Deus, e me resolvo, de modo irrevogável, a servi-Lo e amá-Lo com mais fidelidade, entregando-me inteiramente a Ele; por isso, renovo também o voto de virgindade e minhas resoluções de praticar as santas virtudes de humildade, obediência, pobreza, paciência e caridade para honrar, em Jesus Cristo, essas mesmas virtudes, tantas vezes a mim inspiradas, por seu amor.” (SL, E.4, pág. 782).

Senhor, em resposta a teu chamado...

eu renovo as promessas de meu batismo

E me entrego a Ti na Companhia das Filhas da Caridade.

E segundo suas Constituições e Estatutos

Faço voto por um ano de servir os pobres, de viver em castidade, pobreza e obediência.

III. A consagração batismal das Filhas da Caridade

Bem cedo, na história da Companhia as Irmãs expressaram o desejo de ratificar seu dom total a Deus por meio de votos, fonte de força, aliança que se enraíza no mistério da Igreja. (C.28a). Para servir a Cristo nos pobres, as Filhas da Caridade comprometem-se a viver sua consagração batismal pela prática dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência que recebem deste serviço seu caráter específico (C.27).

Na festa da Apresentação do Senhor, Irmã Kathleen escreveu-nos uma carta¹¹. Deixemos que ressoe em nós sua mensagem: “*Minhas Irmãs, sustentemo-nos mutuamente em nossa preparação para a Renovação, através da oração, da simples partilha daquilo que o Senhor nos comunica e do bom exemplo para uma maior fidelidade à nossa vocação, hoje*”.

O voto do serviço de Cristo nos pobres dá um sólido fundamento aos outros três votos. Este voto nos dá força e dinamismo para sermos servas de nossos irmãos e irmãs, os pobres. Ele nos desafia a nos *abrir*mos, ou seja, a nos doarmos totalmente aos outros na complexidade das realidades e, assim sendo, buscar acompanhá-los no desenvolvimento integral. Este voto exige também que realizemos nosso serviço em colaboração e que cumpramos juntas as tarefas comuns. A vida comunitária elucidada de modo interessante o sentido do serviço e da atenção aos outros. Ela destaca a importância da alegria e da partilha, assim como do perdão e da tomada de decisão responsável.

- O voto de castidade requer um dom gratuito e total pelo Reino. Este voto só pode ser vivido autenticamente se permitirmos que o exemplo e o acompanhamento de Jesus transformem a castidade em uma experiência de “Ephata”, que nos abra à fecundidade ao invés de nos fechar na esterilidade. Seremos desafiadas a renovar nossa união íntima com o Cristo. Ele nos ajudará a sair porta a fora de nosso egocentrismo, que busca experiências pessoais extenuantes; de nossa “reserva” que defende, excessivamente, nossos espaços privados e nossa tendência em economizar energias para nossos interesses pessoais.

- A exemplo do próprio Jesus, o espírito de abandono ao Pai é necessário para viver o voto de pobreza em sua plenitude. Esforcemo-nos por viver de uma tal maneira demonstrando que Deus é o nosso único

tesouro e que nos comprometa a uma total dependência Dele em todas as coisas. Apesar das tentações contra a confiança na Divina Providência, devemos sair porta a fora do nosso medo de não ter "o bastante" e de não ter "controle suficiente". Devemos expressar de uma forma concreta que nossa qualidade de vida não depende da quantidade de nossos bens ou de nossa "superioridade", mas de nossa confiança de que Deus estará sempre conosco e cuidará de nós.

Em sua forma mais pura, o voto de obediência nos faz oferecer nossa disponibilidade incondicional para fazer a vontade de Deus e realizar Seu projeto para a pequena Companhia. Isto sempre envolve a livre escolha de seguir a Vontade de Deus em nossa vida, revelada pela mediação de uma autoridade legítima. A obediência nos faz "sair porta a fora de nosso individualismo em favor da união comunitária que nos permite trabalhar juntas, em um clima de confiança e de diálogo, em vista da vinda do Reino e da Glória de Deus. De fato, a mística de nossa vida comunitária não pretende simplesmente fazer com que nos sintamos bem juntas, mas em servir Aquele que nos chamou e reuniu.

A exemplo de nossos Santos Fundadores, possamos viver os quatro votos de tal maneira que façamos uma incrível experiência do *Ephata*, libertadas de tudo o que nos afasta de uma união mais plena com Deus. Se nos comprometermos em nos doar radicalmente, creio que os votos nos darão energia e estrutura para *sair porta a fora - ir para - encontrar*.

Cada uma de nós deve se perguntar: estou disposta a viver radicalmente os votos, para abrir-me ao Espírito transformador, a fim de me reaproximar de Cristo e colocar-me realmente entre as mãos de Deus para fazer Sua santa vontade?

*Senhor, em resposta a teu chamado
eu renovo as promessas de meu batismo
Concede-me a graça da fidelidade,
Por teu Filho Jesus Cristo crucificado,
E pela intercessão da Virgem Imaculada!*

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

Notas:

- ¹ C. 28 b, pág. 67.
- ² Papa Francisco, audiência de 11 de abril de 2018.
- ³ Quintus Septimius Florens Tertullianus, chamado Tertuliano, nascido entre 150 e 160 em Cartago (atualmente Tunísia) e faleceu por volta de 220 em Cartago. É um escritor de língua latina vindo de uma família 'berbere romanizada e pagã'.
- ⁴ Papa Francisco, audiência de 18 de abril de 2018.
- ⁵ Papa Francisco, audiência de 2 de maio de 2018.
- ⁶ Papa Francisco, audiência de 9 de maio de 2018.
- ⁷ Papa Francisco, audiência de 16 de maio de 2018.
- ⁸ Gaudate et exultate n° 15
- ⁹ Ficha vicentina n° 108: Batismo.
- ¹⁰ Irmã Kathleen Appler, carta de 2 de fevereiro de 2020.

Sessão de Irmãs de 25 a 40 anos de vocação

Os apelos urgentes para ser fiel ao carisma hoje

Para mim é uma grande alegria estar aqui. Fui convidado a falar sobre o tema: “*Os apelos urgentes às Filhas da Caridade para serem fiéis ao carisma hoje*”. Parece-me que alguns deles foram abordados no processo das Assembleias. O Conselho Geral, depois de recolher as ideias das Visitadoras, escolheu o tema *Ephata* para as Assembleias domésticas, provinciais e geral. À luz deste tema, quatro desafios universalmente aplicáveis foram oferecidos para a reflexão. As Assembleias domésticas já foram concluídas e cada uma pode refletir sobre esses quatro desafios e as suas possíveis respostas:

1. Direitos humanos e desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade;
2. A salvaguarda da “casa comum”;
3. A mística do “viver juntas”;
4. A transmissão da fé e dos valores cristãos às novas gerações.

A reflexão sobre esses desafios continuará nas próximas Assembleias provinciais e depois na Assembleia geral do próximo ano. Considero estes desafios como apelos urgentes que as ajudarão a ser fiéis ao Carisma hoje. Gostaria de apresentar-lhes aqui algumas das minhas reflexões sobre este assunto, bem como as de São Vicente. Para concluir, apresentarei dois outros desafios, que considero muito importantes tanto para as Filhas da Caridade como para toda a Família Vicentina.



Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de Vocação

I - Direitos humanos e desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade

Eu não tenho nenhuma dúvida de que o carisma vicentino nos obriga a salvaguardar os direitos humanos de todas as pessoas, principalmente as mais abandonadas, e a promover seu desenvolvimento integral. Estou certo de que São Vicente concordaria com isso. Afinal, entre seus muitos esforços para ajudar os necessitados, ele trabalhou pessoalmente para resolver o caso de uma criança abandonada e observou que, “*segundo as determinações, os senhores são obrigados a manter (sustentar) as crianças expostas*”¹. Ele também encorajou as primeiras Irmãs a zelarem pela instrução das crianças abandonadas: “*Minhas Filhas, sereis mães razoáveis se velardes pelas necessidades dessas criaturinhas, as instruídes no conhecimento de Deus e as corrigirdes com justiça acompanhada de mansidão...*”². Da mesma forma, São Vicente defendeu os direitos dos prisioneiros, melhorando suas condições de vida e oferecendo-lhes cuidados espirituais, e foi audacioso ao colocar as Filhas da Caridade a serviço deles.

Eu poderia continuar com vários exemplos da assistência direta de Vicente às pessoas pobres, bem como seus esforços para que outras pessoas as ajudassem. Como todas sabem, Vicente fez tudo o que estava ao seu alcance para aliviar a situação dos pobres. Sei que há lugares em que as Filhas da Caridade continuam cuidando de crianças abandonadas, especialmente crianças deficientes e prisioneiras e, que também, são inventivas para servir outras pessoas pobres, sejam elas sem-teto, doentes ou solitárias. Exorto-as a continuarem buscando maneiras criativas de defender aqueles a quem a sociedade rejeita e promoverem os seus direitos e o seu desenvolvimento integral.

II - A salvaguarda da “casa comum”

O Papa Francisco destacou esse assunto tratando-o na Encíclica *Laudato si'*, certamente porque reconheceu que a Terra é o único lar que temos e que as pessoas desfavorecidas são as que mais sofrem quando não cuidamos dela adequadamente. As pessoas pobres são mais afetadas

pelos desastres naturais porque suas casas são menos resistentes ao vento, à chuva e ao fogo do que as dos ricos e, tendem a viver em zonas frágeis, mais propensas à devastação dos elementos.

Os cientistas nos dizem que temos apenas uma década para fazer mudanças drásticas que salvarão nossa casa comum. Isso deve incentivar cada um de nós a fazer a sua parte. Esse esforço poderia consistir em utilizar o transporte público, em praticar os 4Rs (reduzir, reutilizar, reciclar e recuperar) e incentivar outras pessoas a fazerem o mesmo. Também podemos pressionar os funcionários do governo a fazerem escolhas em favor do meio ambiente.

São Vicente nunca abordou este assunto. No entanto, ele era um homem do campo, sabia como cuidar da terra e de seus habitantes. Ele enfatizou que era *"filho de um pobre roceiro, que foi guardador de ovelhas e de porcos"*³. Ele costumava usar imagens da natureza, por exemplo, as flores do campo, a semente que Deus faz crescer, o vento que golpeia um navio. Convicto de que Deus nos fala através da criação e trabalha nela, ele não desprezou o mundo natural. Ele o explicou a um superior recém-nomeado:

*"Cabe ao Superior prover não só às coisas espirituais, mas ainda estender os seus cuidados às coisas temporais. Com efeito, como as pessoas que deve dirigir são compostas de corpo e alma, é forçoso que atenda às necessidades de ambos. Contemplai o exemplo de Deus, ocupado, desde toda a eternidade em gerar seu Filho, o Pai e o Filho em produzir o Espírito Santo. Repito que, além dessas divinas operações ad intra, (no interior de sua vida íntima) criou o mundo "ad extra" (o mundo exterior), e se ocupa continuamente em conservá-lo, com tudo o que nele existe. Produz todos os anos novos grãos sobre a terra, novos frutos sobre as árvores, etc. E o mesmo cuidado de Sua adorável Providência chega a tal ponto que nenhuma folha das árvores caia sem ordem sua; Conta todos os cabelos da nossa cabeça e alimenta até um ácaro.."*⁴.

III - A mística do “viver juntas”

Todos nós experimentamos as alegrias e as dificuldades da vida em comum. Dizem que podemos escolher os nossos amigos, mas não a nossa família. No entanto, quando respondemos ao chamado de Deus e entramos na Comunidade, nos unimos a outra família, onde também esperamos encontrar amigos. Como São Vicente aconselhou seus confrades:

“Para que haja e sempre se conserve entre nós inteiramente a caridade fraterna e a santa união, todos terão mutuamente grande respeito, convivendo entre si à maneira de íntimos amigos”⁵.

Isto serve também para cada Irmã. Cada uma deve trabalhar o “viver juntas”. Quando assim o fizerem, não apenas serão felizes, como também as pessoas notarão a alegria e a harmonia de sua vida. Vocês serão o reflexo de Jesus para elas.

São Vicente tinha muito a dizer sobre esse assunto. Basta ler as conferências às primeiras Irmãs para ver com que frequência ele falou-lhes sobre como deveriam viver juntas. Deu-lhes conferências sobre a união entre os membros da Comunidade, o respeito cordial, a reconciliação, a prática do respeito mútuo e da doçura, sobre a obrigação de ocultar e desculpar as faltas das Irmãs, a caridade mútua e o dever de reconciliação, a condescendência e o apoio mútuo, a cordialidade, o respeito, e amizades particulares. Deixe-me apenas dar alguns exemplos do que ele disse a elas.

“ ... vivei juntas, como tendo um só coração e uma só alma, de modo que, por essa união de espírito, sejais uma verdadeira imagem da unidade de Deus, como vosso número representa as Três Pessoas da Santíssima Trindade”⁶.

“Permanecer sempre unidas pelo laço da caridade e do suporte é estar num paraíso! Minhas Irmãs, viver assim é fazer um paraíso sobre a terra”⁷.

De acordo com São Vicente, obviamente, as implicações não são apenas humanas, mas divinas.

IV - A transmissão da fé e dos valores cristãos às novas gerações

Se desejarmos fazer sérias mudanças no mundo, tal como ele se apresenta hoje, estas mudanças devem ser feitas através dos jovens. Como sabemos, eles são o futuro da Igreja e da sociedade. Temos a obrigação de transmitir-lhes nossa fé e os valores cristãos. O Papa Francisco considerou isso importante o suficiente para dedicar um Sínodo dos Bispos aos “Jovens, à Fé e ao Discernimento Vocacional”, bem como, à Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus vivit*.

Desde o início da Companhia, as Irmãs trabalharam com os jovens. Em uma carta à Santa Luísa, Vicente escreveu: “*É preciso pensar um pouco num meio de ensinar às moças como dar aulas*”⁸. Aparentemente, ela sugeriu enviá-las para a formação das Ursulinas, porque, logo depois, ele respondeu: “*não espero grande coisa desse modo das Ursulinas se comunicarem com vossas filhas. Enviar-lhas-eis, contudo, se vos aprouver*”⁹ - As Irmãs continuaram esse trabalho, muito mais tarde, em 1660, Francisco Fouquet, Arcebispo de Narbonne, enviou a Irmã Francisca Carcireux a uma instituição da diocese de Alet para ser preparada para ensinar jovens¹⁰. O objetivo principal de seus ensinamentos foi a transmissão da fé, uma vez que a leitura serviu particularmente para aprender as orações e o catecismo ocupou uma parte significativa do programa. São Vicente afirmou que as Irmãs “*fazem ..guerra (ao demônio) pela instrução que dão às meninas a quem ensinam o temor de Deus e o desejo da virtude..*”¹¹.

São Vicente e Santa Luísa incentivaram os coirmãos e as Irmãs a enviarem-lhes todos os jovens que pareciam ter vocação. No entanto, eles insistiram no discernimento, pedindo que os jovens fossem testados antes de serem enviados à Paris. Por exemplo, Santa Luísa escreveu ao Abade de Vaux:

*“Irmã Madalena me dissera que algumas jovens se haviam apresentado para servir os pobres. Rogo-vos mui humildemente, Senhor, o favor de sondar a vocação e firmeza de espírito delas. Se as julgardes aptas para nós, serão bem-vindas aqui. Devem ser robustas e sadias”*¹².

V - A colaboração com os que têm interesses semelhantes aos nossos, especialmente os membros da Família Vicentina

O Estatuto 9 de suas Constituições encorajam a isso, pois ilustram:

- a. *As Irmãs trabalham com outras pessoas em leal colaboração, num espírito de partilha, colocando em prática os valores que a Companhia procura viver. A cooperação com os organismos privados ou públicos permite um melhor serviço e um maior testemunho evangélico.*
- b. *Colaboram com as forças vivas da pastoral local e fazem o possível para promover os leigos responsáveis.*
- c. *A fidelidade às suas origens leva-as a trabalhar em colaboração com os diversos ramos da Família Vicentina e a suscitar o engajamento de jovens e adultos no serviço dos mais desprovidos.*

Como, sem dúvida, todas sabem, no início de janeiro, realizamos uma reunião em Roma para os Líderes Internacionais da Família Vicentina. Éramos aproximadamente 200 representantes de 97 Congregações e Associações diferentes, que vieram refletir sobre o tema: “*No início de nosso quinto centenário, a Família Vicentina avança*”. Um dos nossos principais objetivos foi incentivar todos os ramos a trabalharem juntos, para colaborar entre si, em projetos comuns, em particular a Aliança Famvin com os sem-teto e o “Projeto 13 Casas”. Como todas provavelmente sabem, este último projeto leva o nome das casas que Vicente construiu em 1645 para abrigar as crianças abandonadas. Se alguma Irmã ainda não leu sobre esta reunião, recomendo que visitem o site da Famvin, que contém resumos dos debates de cada dia, em várias línguas.

Essa ideia de colaboração também remonta ao tempo de nossos Fundadores. Como o padre Maloney destacou em sua palavra de abertura na reunião acima mencionada, todos os grupos que São Vicente fundou ajudavam-se mutuamente. Os coirmãos deveriam estabelecer uma Confraria da Caridade em todos os lugares onde realizavam uma missão, além de oferecer assistência espiritual às Filhas da Caridade.

Estas trabalharam com as Confrarias da Caridade e sob a direção das Damas da Caridade, particularmente no Hospital geral (Hôtel-Dieu), em Paris. As Damas da Caridade ajudaram generosamente os três grupos com os seus recursos.

Estou convicto de que, trabalhando juntos, teremos um impacto ainda maior na promoção daqueles que procuramos servir. Por isso, encorajo-as a trabalhar com os outros, de todas as formas possíveis, nos seus diferentes apostolados. As pessoas pobres ser-lhes-ão muito gratas.

VI - Trabalhar em vista da mudança sistêmica

Acredito que a única maneira de ajudar verdadeiramente as pessoas pobres é trabalhando para eliminar as causas de sua pobreza e auxiliando-as a ajudarem a si mesmas. São Vicente também pensava assim, embora o termo “mudança sistêmica” não existisse no século XVII. Ele e seus coirmãos, com a assistência financeira de doadores generosos, ajudaram os pobres em todos os lugares, inclusive nas regiões devastadas da Lorena e Picardia. Naturalmente, eles responderam primeiro às necessidades mais urgentes.

Enviamos para... “assistir corporalmente, distribuindo quinhentas libras de pão por mês, em cada cidade, o que significa que temos de dispor de duas mil e quinhentas libras por mês. Pela graça de Deus, nada faltou até o presente e espero que não faltará. Temos fundos, no mínimo, para este ano”¹³.

Além disso, por meio das Damas da Caridade, Vicente cuidou para que os habitantes recebessem tudo o que precisariam para ajudar a si mesmos. Como ele escreveu ao Irmão Jean Parre:

“Gostaríamos de permitir que todas as outras pessoas pobres que não têm terra - tanto homens quanto mulheres - ganhassem o próprio sustento, dando aos homens algumas ferramentas para trabalhar e às meninas e mulheres rodas de fiar linho ou lã. – mas, apenas aos mais pobres. Quando a paz for restaurada, todos terão algo para fazer e, como

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

os soldados não mais tomarão suas propriedades, poderão colocar algo em ordem e gradualmente se reerguer. Com isso em vista, a Assembleia achou que eles deveriam ser ajudados a começar e depois disso não deveriam mais procurar alívio em Paris”¹⁴.

Vicente sabia que isso responderia às suas necessidades reais porque, alguns anos antes, ele recebera uma carta dos missionários, que serviam naquela região, atestando seu sucesso:

“Também distribuimos os grãos que enviaram de Paris para esses lugares. Foram semeados e Deus os abençoou largamente. Isto levou o pobre povo a suportar seus males, com paciência, na esperança de que a futura colheita lhes daria um grande alívio”¹⁵.

Portanto, incentivo-as a imitar São Vicente, colocando em prática mudanças sistêmicas em seus serviços. Penso que já o fazem, porém, convido-as a redobrar os esforços nesse sentido. Também não esqueçam de envolver os próprios pobres nas decisões referentes às prioridades e soluções.

Permitam-me concluir dizendo o quanto aprecio tudo o que as Filhas da Caridade realizam no mundo para ajudar nossos irmãos e irmãs menos afortunados. Em minhas visitas às Províncias, alegro-me em ver a criatividade, o dinamismo, o entusiasmo com o que cada uma serve os pobres. Continuem a responder com fidelidade aos chamados para ajudar os mais pobres no espírito de São Vicente e Santa Luísa.

*Padre Tomaž Mavrič, CM
Superior geral*

Notas:

- ¹ SV, vol. VI, pág. 344; Carta 2263 a Filipe Emanuel de Gondí
- ² SV, conf. de 7 de dezembro de 1643, sobre a obra das crianças expostas, pág.90.
- ³ SV, vol. II, pág. 19, Carta 418 a Luis Abelly, vigário geral de Bayonne.
- ⁴ SV, vol. XI, pág. 358, Conf. 153 – “Avisos a Antônio Durand, nomeado Superior do Seminário de Agde [1656].
- ⁵ Regras Comuns da Congregação da Missão, VIII, 2, pág. 132
- ⁶ SV, vol. IV, pág. 278; Carta 1389 à Irmã Ana Hardemont à Hennebont, Paris, 30 de julho de 1651.
- ⁷ SV, conf. de 30 de maio de 1658, sobre a condescendência e suporte mútuo, pág. 766
- ⁸ SV, vol. I, pág. 490, Carta 296 à Luísa de Marillac, de São Lázaro, manhã de terça-feira [1638]
- ⁹ SV, vol. I, pág. 491, Carta 297 à Luísa de Marillac, [1638]
- ¹⁰ Documentos nº 804, Carta do Padre Vicente à Irmã Francisca Carcireux, em Narbona, pág. 1054-1055
- ¹¹ SV, conf. de 19 de abril de 1650, sobre a direção a tomar nas dificuldades longe da Casa-Mãe, pág. 335
- ¹² SL, C. 77, pág. 97
- ¹³ SV, vol. I, pág. 661, Carta 404 à Luís Lebreton, Padre da Missão, em Roma.
- ¹⁴ Coste VIII, 72-73; lettre 2936 à Jean Parre à Saint-Quentin, de Paris, 9 août 1659
- ¹⁵ SV, vol. IV, pág. 158, Carta 1305 – Padres da Missão a São Vicente -1650 ou janeiro de 1651.

Sessão de Irmãs de 25 a 40 anos de vocação

Compreensão e vivência dos votos hoje

Os votos e o seguimento de Cristo

*“Em resposta ao apelo de Cristo que me convida a segui-Lo...
(C. 28b).*

Desde o início, a nossa fórmula dos votos lembra-nos que nossa vocação é "seguir Cristo". Os votos são uma resposta a este convite. A convocação parece suficientemente simples, mas a sua execução é pessoal e exigente. Para começar, vamos considerar a forma como o Evangelho de João oferece uma visão de nosso chamado para seguir o Senhor. Este Evangelho tem uma característica específica em razão de seu convite ao discipulado perfeito. Graças a esta análise, podemos descobrir plenamente o impacto de nossa vocação na vida que escolhemos abraçar através dos votos. Luísa oferece um encorajamento a esse respeito:

*"Esteja sempre em meu coração o desejo da santa pobreza, para que, livre de tudo, possa seguir Jesus Cristo e servir meu próximo com toda a humildade e mansidão, vivendo em obediência e castidade, toda minha vida, honrando a pobreza de Jesus Cristo por Ele vivida com tanta perfeição”
(SL, E.7, pág. 786).*

Daremos uma particular atenção à segunda metade do Evangelho que começa no capítulo 13 com o discurso da Última Ceia e continua até o fim do capítulo 21. Estas histórias interessantes podem conduzir-nos, através do tempo da Quaresma, ao mistério pascal. O apóstolo Pedro será

o nosso guia ao longo desses capítulos. Sua luta prática e sua vitória final no seguimento de Cristo são úteis a todos que desejam seguir Jesus Cristo - como nós o fazemos. A tríplice afirmação do seu amor pelo Senhor pode nos sugerir o compromisso com os votos. O Evangelho termina com a clara convocação de Pedro para seguir o Senhor Ressuscitado com tudo o que isso implica.

I - O discípulo de Cristo como aquele que o segue: João 1-12

A prática do seguimento de Jesus aparece nos primeiros 12 capítulos do Evangelho de João. Consideremos várias referências que podem fortalecer nossa reflexão atual. Jesus disse:

"Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida" (Jo 8, 12).

Assim, Cristo guiará aqueles que optarem por segui-lo ao longo do caminho da vida. A visão do discípulo perseguindo a luz que é Cristo no meio das trevas oferece uma imagem descritiva e convincente. Em outro lugar, diz Jesus:

"Depois de conduzir para fora todas suas ovelhas, vai adiante delas, e estas o seguem, porque conhecem sua voz" (Jo 10, 4; 10, 27).

Aqui, surge outra ilustração que apela aos nossos sentidos. Cristo, como bom pastor, chama o discípulo para acompanhá-lo. Somos chamados a nos familiarizarmos com a "voz" do Senhor e estarmos prontos para responder quando a ouvirmos falar a nosso coração em nosso cotidiano e em nosso serviço. Finalmente, notamos a forma como Jesus apresenta um desafio neste Evangelho:

"Se alguém me quer servir, siga-me; e, onde eu estiver, ali estará também o meu servo" (Jo 12, 26).

Agora, Jesus apresenta o serviço como medida de discipulado para seus discípulos. Onde Jesus está, lá também se encontra o seu servo.

Assim, na primeira metade do Evangelho de João recebemos instruções para manter nossos olhos e ouvidos abertos, assim como nossas mãos e pés prontos, para seguir o Senhor no caminho em que Ele nos conduz. Isto descreve o propósito de nossos votos. Na segunda metade do Evangelho de João, podemos notar como o convite a seguir Jesus é ilustrado para nós por Pedro.

II - Lições da Última Ceia para o seguimento de Cristo segundo São João

No início da Última Ceia do Evangelho de João, Jesus oferece esta instrução depois de ter lavado os pés de seus discípulos:

“...Compreendeis o que acabo de fazer? Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, pois eu o sou. Portanto, se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Dei-vos o exemplo, para que façais a mesma coisa que eu fiz” (Jo 13,12-15).

O modelo proposto por Jesus é significativo. Não é um apenas um simples ato de serviço humilde que Jesus demonstra, mas a maneira como ele o realiza – lavar os dois pés de todos os discípulos (mesmo os pés de Judas!). Jesus realiza este serviço pessoalmente com suas próprias mãos. Jesus não se esquivava dos detalhes, dos elementos práticos da ilustração. Para quem escolheu seguir Jesus, o serviço é evidentemente uma característica absoluta: lavar os dois pés de todos os discípulos. Se os detalhes da história não enfatizam a importância deste gesto de serviço com suficiente clareza, Pedro dá um passo adiante para ilustrá-lo com maior intensidade para nós.

Enquanto Jesus lava os pés dos discípulos, Pedro está estupefocado. Ele proclama diante de Jesus e dos outros: *"Nunca me lavarás os pés."* As palavras de Pedro são, sem dúvida, uma mistura de orgulho e humildade que não influenciam Jesus. Jesus se dirige com tom grave a Pedro: *"Se eu não te lavar os pés, não terás lugar comigo."* A força das palavras de Jesus atordoava Pedro. Ele poderia ter esperado pelo menos um debate sobre porque o mestre não deveria lavar os pés do servo, mas Jesus não permite

que isso aconteça. Ele estabelece um limite para Pedro, sem espaço para negociação. Pedro, com sabedoria, imediatamente recua imediatamente. Jesus não admite equívocos sobre este assunto. Este ensinamento é importante para ele. Por quê?

Devemos nos perguntar sobre o significado da lição relativa ao serviço e ao discipulado que Jesus ofereceu aqui, enfatizado pelo encontro com Pedro. Bem, um ensinamento afirma claramente o papel do líder como um ministro a serviço. *“Jesus veio para servir, não para ser servido”* (Mt 20,28), e seus discípulos devem compreender essa instrução. Se não o fazem, então, eles não têm seu lugar na maneira como Jesus vê a liderança, hierarquia e a comunidade. Pedro, mais do que qualquer outro dos discípulos, deve compreender essa verdade a fim de assumir as responsabilidades que Jesus lhes dará. Outra lição é que a qualidade do serviço de cada um deve ser pessoal, universal e abrangente. A ação que Jesus realiza não é simplesmente "simbólica", mas um verdadeiro exercício prático do ministério. Quando imitamos o gesto de Jesus em nossa celebração contemporânea da Quinta-feira Santa, a verdade é que os pés que serão lavados, na realidade não estão sujos; mas não se pode dizer o mesmo dos pés dos apóstolos. Pedro, e nós, devemos aprender bem essa lição.

Depois do Lava-pés e do diálogo com Pedro, Jesus continua a falar sobre seu caminho e a maneira de segui-Lo. Ele também orientando Pedro:

“Perguntou-lhe Simão Pedro: “Senhor, para onde vais?”. Jesus respondeu-lhe: “Para onde vou, não podes seguir-me agora, mas tu seguirás mais tarde”. Pedro tornou a perguntar: “Senhor, por que não posso te seguir agora? Darei a minha vida por ti!”. Respondeu-lhe Jesus: “Darás a tua vida por mim!... Em verdade, em verdade te digo: não cantarás o galo até que me negues três vezes” (Jo 13,26-38).

Os discípulos são incapazes de seguir Jesus no momento de sua Paixão, porque não sabem o que acontecerá e, por isso, também não estão preparados para entrar plena e livremente nesse sacrifício. Jesus não quer que os discípulos o sigam cegamente. Jesus deseja que os discípulos compreendam o que tudo isso significa e sua verdadeira identidade. Eles não estarão preparados para este tipo de seguimento enquanto não souberem

o significado de sua paixão e morte e os frutos de sua Ressurreição. Só então eles poderão segui-lo sem reservas. (Poderíamos dizer o mesmo a respeito da vivência dos votos).

Para assegurar que os outros discípulos (e nós também) entendam o que este seguimento implica, Pedro intervém mas de maneira impetuosa. Ele pede uma resposta de Jesus: "*Por que não posso seguir-te agora?*" Ele vai ao ponto de afirmar que está preparado para dar sua vida pelo Senhor. Sabemos como esta afirmação continua embaraçosa na história que segue. No entanto, Pedro chamou novamente nossa atenção para um aspecto importante de nossa busca pelo Senhor: não podemos ser demasiadamente presunçosos sobre nossa capacidade de segui-Lo totalmente. Às vezes nossa própria fraqueza e/ou medo podem atrapalhar o caminho. Se desejamos seguir o Senhor, devemos permitir que Ele tome a iniciativa e caminhar humildemente enquanto Ele nos guia. (Talvez, Vicente nos dissesse para confiar na Providência!) Reconhecer nossa fraqueza não é uma coisa ruim. Ele torna possível a compreensão de nossas limitações e fornece um meio de seguimento que não se sobrepõe à vontade do Senhor. Quando estivermos prontos, o Mestre nos dará os recursos para seguirmos obedientemente. São Vicente reúne essas ideias de serviço, providência e submissão de si mesmo quando fala do seguimento de Cristo.

“Não podemos assegurar melhor nossa felicidade eterna do que vivendo e morrendo no serviço dos pobres, entre os braços da Providência e em total renúncia a nós mesmos, para seguir Jesus Cristo” (SV, vol. III, C.1078 a Jean Barreau, pág. 472).

III - Ensinaamentos sobre o seguimento na Paixão de Cristo

Quando os soldados e os guardas prenderam Jesus no jardim do Getsémani, eles o levaram consigo. Dois dos discípulos o seguiram:

“Simão Pedro e um outro discípulo seguiam Jesus. Esse discípulo era conhecido do Sumo Sacerdote e entrou com Jesus no pátio do Sumo Sacerdote. Pedro ficou fora, perto da porta. Então o outro discípulo, que era conhecido do Sumo Sacerdote, saiu, conversou com a encarregada da porta e levou Pedro para dentro. A criada que guardava a porta

disse a Pedro: “Não pertences também tu aos discípulos desse homem?” Ele respondeu: Não” (Jo 18, 15-17).

No entanto, seguir o Senhor que foi preso e levado para longe não se qualifica como "seguimento", exceto no sentido literal. Pedro segue o Senhor com os olhos, sem perdê-Lo de vista, mas não porque ele desejava ser identificado com ele. A criada enfatiza este fato quando pergunta a Pedro se ele é um dos discípulos de Jesus. Ele nega imediatamente a associação. Na verdade, Pedro se coloca do lado dos inimigos de Jesus ao redor de um fogo de brasas em busca de luz e calor. Ele se separou da "Luz do mundo". Ele prova tanto por palavras como por ações que ainda não está pronto para ser um verdadeiro discípulo. Ele o faz três vezes (Jo 18,25-27; cf. 13,38).

Nesta etapa da narrativa evangélica emerge uma consciência da resposta que daríamos a alguém que nos perguntasse se somos discípulos de Jesus. Sabemos que caminhar no seguimento de Jesus e avançar na mesma direção geral que ele, mas não querendo uma ligação muito estreita com ele em termos de atitude e esforço, não é o mesmo que ser um seguidor fiel. As pessoas com as quais nos identificamos e os lugares que partilhamos com elas podem revelar mais claramente nosso propósito e aquilo com que nos comprometemos. Recordamos novamente o ensinamento de Jesus sobre o bom pastor no Evangelho de João:

“..depois de fazer sair todas as que são suas, caminha à sua frente e as ovelhas o seguem, porque conhecem sua voz. Mas, não seguem um estranho, antes fogem dele, porque não conhecem a voz dos estranhos” (Jo 10, 4-5).

Precisamos aprender a reconhecer a voz de Jesus, comprometer-nos a segui-lo unicamente. Isso focaliza a direção e as decisões da nossa vida, o desejo das nossas mentes e corações. Jesus ainda não era essa figura central para Pedro. O medo e a falta de compreensão ainda o impediram de se entregar a si mesmo para poder seguir Jesus. Poderíamos dizer que Pedro ainda não o amava o suficiente - mas esse dia chegaria, e logo.

Luísa de Marillac associa com frequência o seguimento de Jesus à cruz como central para o seu discipulado e vida espiritual:

“Sim, queridas Irmãs, a maior honra que podeis receber é a de seguir Jesus Cristo carregando a sua cruz” (SL C. 564, pág. 608).

“Demos então o primeiro passo para segui-Lo que é o de dizer, com todo nosso coração: eu vos quero, amado esposo, quero-vos assim e para vo-lo provar, sigo-vos até ao pé da cruz que escolho para meu claustro. E aí, quero deixar a terra, o que são afetos terrenos, posto que vossa voz me convida, falando-me ao coração a que incline o ouvido e esqueça meu povo e a casa de meu Pai para me tornar prisioneira de vosso amor. Ao pé da Cruz santa e sagrada, adoro-vos, pois, e sacrifico tudo o que possa ser impedimento à pureza do amor que desejais de mim..” (SL, E. 105, pág. 951).

IV - Ensino sobre o seguimento de Cristo após a Ressurreição

O sofrimento e a morte de Jesus constituíram um acontecimento traumático na vida de seus colaboradores mais próximos. Esses acontecimentos prepararam o terreno para o espanto que acompanharia a Ressurreição. À medida que Jesus começa a encontrar seus discípulos na sua forma glorificada, eles adotam uma atitude melhor e mais dedicada de seguimento. Eles estão prontos para responder às perguntas difíceis com honestidade e energia.

Três passos levam ao dramático pedido de Jesus para que Pedro "O siga". Cada passo prepara o caminho para o chamado.

Primeiro, Jesus pergunta a Pedro se ele o ama:

“...e, depois de comerem, perguntou a Simão Pedro: “Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes?” Pedro respondeu: “Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo”. Jesus disse: “Apascenta os meus cordeiros”. E disse de novo a Pedro: “Simão, filho de João, tu me amas?” Pedro disse: “Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo”. Jesus disse-lhe: “Apascenta as minhas ovelhas”. Pela terceira vez, perguntou a Pedro:

“Simão, filho de João, tu me amas?” Pedro ficou triste, porque Jesus perguntou três vezes se ele o amava. Respondeu: “Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que eu te amo”. Jesus disse-lhe: “Apascenta minhas ovelhas” (Jo 21, 15-17).

Três vezes, Jesus faz a Pedro a pergunta sobre o amor. Toda vez que Jesus questiona Pedro, ele dá uma nova ênfase; cada vez que Pedro é questionado, sua resposta emerge de uma compreensão mais profunda de si mesmo e um maior compromisso de sua parte.

Sabemos como é fácil responder a algumas perguntas de improviso - de fato, frequentemente, não as ouvimos nem mesmo as perguntas. Alguém pode nos perguntar espontaneamente: "Como tem passado?" ou "Como se sente?" Eles não estão realmente à espera de uma resposta detalhada (e podem ficar surpresos por obtê-la!). Muitas vezes podemos simplesmente responder: "Estou bem, obrigada" sem nem ao menos considerar se nossa vida ou saúde estão realmente bem. No entanto, se alguém nos detém e nos pergunta novamente: "Não, eu quero mesmo saber, como vai você?" Nesse momento, talvez tenhamos tempo para oferecer à pessoa uma descrição mais detalhada e real de nossa vida e saúde. Podemos entrar genuinamente em um diálogo. E se, no entanto, o autor da pergunta escutasse atentamente esta segunda resposta, e depois nos dissesse mais uma vez: "Está bem, eu compreendo, mas como se sente realmente?" Com esta terceira pergunta, sabemos que o outro não procura simplesmente os fatos, mas a verdade de nosso coração e seríamos motivados a partilhar com ele nossas preocupações, nossas esperanças, nossos medos. Esta resposta só pode ser expressada na presença de alguém que confiamos e em quem acreditamos que nos ouve além dos seus ouvidos.

Neste diálogo com Pedro, existem dois elementos que aparecem em cada expressão de sua afeição. A pergunta e a resposta são seguidas da ordem: *“Apascenta meus cordeiros / minhas ovelhas”*. A expressão de seu amor deve estar acompanhada da escolha de servir. Isto não é surpreendente; é uma instrução esperada. Nos Evangelhos, quando alguém pergunta qual é o maior mandamento, Jesus une sempre o amor de Deus ao amor do próximo. A Carta de João ensina que não se pode amar a Deus e odiar o irmão (1 Jo 4,20). Assim, quando Pedro professa o seu amor pelo Mestre, Jesus o concretiza imediatamente pelo chamado para cuidar de seu povo. Com a proclamação de seu profundo amor, Pedro ouve um

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

chamado mais profundo para servir os seus irmãos. Desta forma, ele deve seguir o Senhor (ver Jo 13,35: "*Nisso todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.*")

Assim também deve ser para todos nós. Nosso amor pelo Senhor se expressa em nosso serviço ao povo de Deus. Quanto mais declaramos que amamos a Deus, mais nos dedicamos a seu serviço junto a seus filhos. Um não pode existir sem o outro. Enquanto nos esforçamos por seguir o Senhor, mostramos nosso afeto e devoção ao serviço dos mais necessitados.

Finalmente, neste ponto do Evangelho, Jesus está pronto a chamar Pedro a segui-lo. Há algo mais..

“Em verdade, em verdade te digo: quando eras jovem, tu te cingias e ias para onde querias. Quando fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá e te levará para onde não queres ir”. Jesus disse isso, significando com que morte Pedro iria glorificar a Deus. E acrescentou: “Segue-me” (Jo 21, 18-19).

O medo de Pedro de seguir Jesus em sua Paixão, agora é explicitamente declarado. O sofrimento e a morte de Jesus, que Pedro queria negar (Mc 8,31-33), também se revela ser o destino de Pedro. Jesus não tenta esconder a realidade ou suavizar a mensagem. Para viver e proclamar o Evangelho como fez Jesus, o discípulo deve aceitar ter o mesmo destino que o de seu mestre. O sofrimento e a morte ignominiosa aparecem como eventualidades que não só devem ser aceites, mas também esperadas e acolhidas.

Depois de ouvir a declaração de amor de Pedro, Jesus confiou-lhe a missão de sua vida, especificando para onde tudo isto o levaria. O Senhor glorificado pronuncia estas palavras que Pedro tanto queria ouvir: "*Segue-me*". Pedro está finalmente pronto. Claro que seu seguimento de Cristo não será perfeito, mas Pedro irá agora esforçar-se por segui-lo o mais fielmente possível com a graça de Deus. Deve ser o mesmo para nós. Nosso amor pelo Senhor, nossa dedicação ao serviço, nossa oblação e nossa vontade de aceitar tudo o que o futuro nos reserva, tudo isto descreve a forma como seguimos o Senhor. **Este é o caminho dos votos!** Cada voto deve

ser assumido de forma consciente e com convicção. Comprometemo-nos por voto a seguir este caminho, como dizia São Vicente:

“..ó meu Senhor, não estaremos de modo algum preparados para vos seguir, não teremos merecimento algum em suportar nossas penas, nem parte convosco, como teríamos se renunciássemos, de fato, à nossa vontade por amor de Deus.” (SV, vol. XII - conferência aos Missionários, de 2 de maio de 1659, sobre a mortificação, páginas 218).

V - Uma última palavra sobre o seguimento de Cristo

No final do Evangelho de João, enquanto Jesus e Pedro dialogam, a cena se amplia para nos permitir ver os dois amigos caminhando lado a lado e o "discípulo amado" seguindo atrás:

"Voltando-se Pedro, viu que o seguia aquele discípulo que Jesus amava, aquele que estivera reclinado sobre o seu peito, durante a ceia, e lhe perguntara: “Senhor, quem é que te há de trair?”. Vendo-o, Pedro perguntou a Jesus: “Senhor, e este? Que será dele?”. Respondeu-lhe Jesus: “Que te importa se eu quero que ele fique até que eu venha? Segue-me tu” (Jo 21, 20-22).

A situação pode nos fazer sorrir. Facilmente podemos nos colocar mais uma vez no lugar de Pedro. Apesar do incrível e importante diálogo que teve com Jesus, Pedro começa a olhar em volta e começa a se perguntar sobre a posição de outra pessoa.

Assim também acontece conosco. Não importa o tamanho de nosso pedaço de bolo, sempre ficamos curiosos e olhamos à nossa volta para ver de quem é o maior ou melhor pedaço.

Jesus conduz imediatamente o olhar de Pedro para o essencial: “Não deixes que a forma como outros foram convidados a seguir-me te distraia: tu segue-me”. Precisamos nos preocupar em como podemos apoiar os outros no seu discipulado, mas nosso olhar não deve ser influenciado pela

inveja e dispersão. Cada um deve seguir Jesus de acordo com seu chamado e capacidades. Devemos segui-lo de acordo com o nosso chamado (cf. a parábola do "fariseu e do publicano" (Lc 18,9-14)).

Assim, mais uma vez, Pedro age como nosso guia no caminho para o verdadeiro discipulado de Cristo. Sua preocupação nos lembra que é preciso manter os olhos fixos em Jesus enquanto O seguimos (lembremo-nos da passagem de quando Jesus caminha sobre águas [Jo 6,16-21]). Não devemos julgar a forma como as nossas Irmãs seguem a Cristo e vivem os votos.

CONCLUSÃO:

Nossa reflexão começou com a consciência de que nosso chamado para viver os votos decorre da resposta ao apelo de Cristo que me convida a segui-Lo. (C. 28b). Vicente fala sobre o seguimento e o fundamento dos votos:

"..devendo nossa intenção consistir só em seguir Nosso Senhor, e nos conformar inteiramente a ele, somente isso é capaz de levar-nos à prática dos conselhos evangélicos" (SV, vol. XII, pág. 304, Conf. 211, de 22 de agosto de 1659, sobre as cinco virtudes fundamentais).

Em nossa época, podemos discernir uma tendência a ser um líder e não um discípulo. Esta atitude pode estar profundamente dentro de cada um de nós, como nos mostra a história de nossos "primeiros pais". Adão e Eva são chamados a ser discípulos. Deus lhes diz para não comerem da árvore do conhecimento - eles recebem o chamado para seguir esta orientação, no entanto, eles escolhem assumir o papel de liderança e querem tomar decisões por si mesmos. Assim, eles entram no primeiro pecado.

Jesus se encarnou para nos mostrar a maneira adequada de fazer a vontade de Deus. Então, ele nos convida a segui-lo. Aceitamos este desafio de bom grado. Nossos votos são meios próprios para levar a cabo essa decisão em nossas vidas. São Vicente nos encoraja a este discipulado de Cristo, quando diz:

“Entreguemo-nos a Deus do melhor modo possível... em tudo, em toda a parte e sempre, para termos fome e sede dessa justiça... Somos filhos vossos, que nos lançamos entre vossos braços para imitar vossas práticas. Dai-nos esta graça. Como não o podemos por nós mesmos, é de vós que a esperamos, é a vós que a pedimos, mas confiantemente, com grande desejo de seguir-vos” (SV, vol. XII, pág. 166-167, conf. 199, de 7 de março de 1659, sobre a conformidade com a vontade de Deus).

Padre Patrick GRIFFIN, CM

Perguntas para reflexão e diálogo:

1. Na pessoa de Pedro, o Evangelho de João está caminhando para o auge do chamado para seguir Jesus. Será que os erros cometidos por Pedro esclarecem sobre a necessidade de mudar sua maneira de abandonar-se a Jesus?
2. Os votos visam, ao mesmo tempo, eliminar os obstáculos para seguir Jesus e nos centralizar mais no Senhor. Como você vivenciou estes dois aspectos dos votos?
3. Nosso quarto voto nos orienta a servir diretamente aos pobres embasado na passagem bíblica quando Jesus lava os pés dos discípulos. Quando você pensa na maneira como Jesus realizou esta ação, como ela descreve o seu seguimento ao Senhor no seu serviço?
4. Na Companhia, qual é a diferença entre ser uma "seguidora" e uma "líder"? (*"Há muito tempo, venho desejando e seria para mim grande consolo que nossas Irmãs chegassem a tal extremo de respeito entre si, que as pessoas de fora não pudessem jamais perceber qual das Irmãs é a Irmã Servente"* (Documentos, nº 442, Conselho Companhia de 19 de junho de 1647, pág. 526).

Sessão de Irmãs de 25 a 40 anos de vocação

Compreensão e vivência dos votos hoje

O quarto voto como uma bússola

“As Filhas da Caridade, em fidelidade a seu batismo e em resposta ao apelo de Deus, doam-se inteiramente e em comunidade ao serviço de Cristo nos pobres, seus irmãos e irmãs, com um espírito evangélico de humildade, simplicidade e caridade” (C. 7a).

Quando uma Filha da Caridade reflete sobre as virtudes e os votos que delas emanam, ela o faz a partir da perspectiva de seu quarto voto. Guiada por este quarto voto do serviço dos pobres, ela se prepara para dar uma direção mais concreta à sua compreensão e à vivência dos outros três votos. Pode-se também usar a imagem de uma lente através da qual é possível ver os conselhos evangélicos, ou de uma linguagem que permite dar uma expressão única a essas virtudes. Gosto muito da imagem de uma "bússola", para nossa reflexão de hoje. Vimos que os votos oferecem uma forma de seguir a Cristo. O quarto voto oferece um "verdadeiro norte" que dá uma direção sólida e um impacto para os outros votos. Sabemos que estamos indo na direção correta quando tomamos o quarto voto como medida. Ele nos permite verificar a autenticidade de nosso seguimento ao Cristo

Vejamos agora o que significa este quatro voto.

Rapidamente, podemos dizer a respeito dos votos de pobreza, castidade e obediência que há uma palavra no coração de cada um deles, uma palavra que requer descrições e nuances para os compreender bem.

Além disso, estes três votos só podem ser internalizados à luz do quarto voto que indica a direção a tomar. Em suma, o quarto voto é o "*serviço dos pobres, de seus irmãos e irmãs*". Esta expressão afirma sucintamente o conteúdo deste voto, mas não diz tudo o que queremos dizer ou o que este voto significa para nós. Precisamos aprofundar outros elementos para transmitir seu significado.

Vejamos alguns elementos presentes na Constituição 7a.

1. O voto enfatiza o "*dom de si*". Com este quarto voto, a Filha da Caridade doa-se inteiramente, doa-se em comunidade e doa-se a Cristo.
2. O "*dom de si*" conduz ao "*serviço dos pobres, de seus irmãos e irmãs*". Tendo em conta o generoso dom de si, o serviço atinge seu significado e seu fim.
3. O serviço é realizado "*com um espírito evangélico de humildade, simplicidade e caridade*". Aqui, mais uma vez, a natureza do serviço é indicada.

Como uma bússola que informa a direção a seguir, (hoje talvez preferíssemos falar de GPS), apresento algumas ideias sobre a direção que este quarto voto pode dar à prática dos votos de pobreza, castidade e obediência e à atenção que lhes damos.

1 - Dom de si mesma

"...minha alma compreendia que seu Deus queria vir a mim, não como a um lugar de lazer ou de empréstimo, porém como em sua própria herança ou lugar de lazer que totalmente lhe pertencesse." (SL, E.13, pág. 796).

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

“Se nossa perfeição reside na caridade, como é certo, não há nada maior do que doar-se para salvar almas e sacrificar-se por elas como Jesus Cristo” (Coste VII, 341, Carta 2710, para Antoine Fleury, 6 de novembro de 1658).

DOAR-SE INTEIRAMENTE

Através deste quarto voto, a Filha da Caridade não reserva nada para si. Ela se doa totalmente, com a intenção de que seja para toda a sua vida. Durante toda sua vida, o ser humano não pode facilmente se consagrar a uma questão específica ou a um propósito particular. O esforço e o foco necessários são significativos para que sejam dignos do objetivo. Esta consagração deve, naturalmente, ser feita livremente; deve ser feita com conhecimento de causa, de maneira consciente e para outras pessoas, pois nenhuma "coisa" merece uma vida humana inteira.

No capítulo 3 do Evangelho segundo São João, o versículo 16 pode nos ajudar a refletir sobre este tema:

“Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3, 16).

Podemos também contemplar a forma como Jesus expressa o mandamento mais importante:

“Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração e com toda tua alma, com toda tua força e com toda tua inteligência; e a teu próximo como a ti mesmo!” (Lc 10,27; cf. Dt 6,5).

Eu preciso amar a Deus com tudo o que sou: coração, alma, força e inteligência. Nada me resta. O dom total de si mesmo no quarto voto chama e exige este abandono. Tudo isto evoca a cruz, o grande símbolo da total abnegação!

DAR-SE EM COMUNIDADE

O cristianismo não é uma religião entre "eu e Deus". Desde o início da história de nossa criação, aprendemos sobre a insuficiência de um único

ser humano. Outra pessoa deve sempre assumir o papel de companhia e de ajudante. Na Bíblia, Deus atrai o "povo" de Israel para o ser divino. Este povo escuta repetidas exortações sobre a natureza da aliança:

“Eu vos tomarei como meu povo e serei o vosso Deus” (Ex 6,7)

No início de seu ministério público, Jesus reuniu ao seu redor um grupo de pessoas que se tornaram seus discípulos e amigos. Claramente, eles são pessoas de diferentes origens e com vários talentos, mas todos têm algo a contribuir para a missão. Jesus lhes disse:

“Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem amor maior do que aquele que dá sua vida pelos amigos. Vós sois meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando” (Jo 15, 12-14).

Quando uma Filha da Caridade faz o quarto voto, ela se entrega ao serviço dos pobres da comunidade. Esta é uma das grandes bênçãos, assim como uma das grandes cruzes para uma Irmã. A comunidade a convida a assumir um serviço em união com outra e a realizar uma tarefa comum. A vida comunitária tem um papel significativo para ensinar a servir e a cuidar dos outros. A comunidade exige alegria e partilha, assim como perdão e tomada de decisões. À medida que aprendemos estas atitudes, passamos a compreender a forma como estas lições podem ser aplicadas no serviço dos pobres. Assim, temos uma melhor percepção dos problemas que outras pessoas enfrentam durante sua caminhada para o Senhor. Nós "praticamos" em casa os valores que dinamizam e enriquecem nosso serviço.

São Paulo é um excelente guia que nos encoraja a viver bem a vida fraterna e não hesita em corrigir-nos, como fez com a comunidade cristã de Filipos:

“Se existe consolação na vida em Cristo, se existe alento no mútuo amor, se existe comunhão no Espírito, se existe ternura e compaixão, tornai então completa a minha alegria: aspirai à mesma coisa, unidos no mesmo amor; vivei em harmonia, procurando a unidade. Nada façais por competição ou vanglória, mas, com humildade, cada um julgue que o

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

outro é mais importante, e não cuide somente do que é seu, mas também do que é do outro. Tende entre vós o mesmo sentimento que existe em Cristo Jesus...” (Filipenses 2, 1-5)

Depois deste maravilhoso apelo para bem viver em comunidade, Paulo apresenta o famoso hino aos Filipenses. Ele oferece Jesus como modelo de atitude cristã e de abnegação, uma atitude que exige aniquilamento, humildade e obediência. Lembremo-nos e reflitamos sobre o hino e seu contexto!

Nenhum de nós é tão orgulhoso a ponto de pensar que podemos realizar tudo sozinhos ou que a ajuda permanente das Irmãs que trabalham juntas, não permite garantir um melhor serviço junto aos pobres. Para que isto seja verdade, é preciso abraçar uma série de práticas, incluindo o consentimento da vontade, a aceitação das decisões e o perdão das ofensas. Nenhum contexto oferece a uma Irmã mais oportunidades ou mais necessidade de praticar as virtudes que permitem e expressam o seu quarto voto do que uma comunidade.

Uma Filha da Caridade doa-se à Comunidade. Como o dom total de si, essa oferta gratuita se realiza com o conhecimento e a intenção de envolver-se pessoalmente na vida um do outro.

DOAR-SE AO CRISTO

O dom total de si mesmo e em comunidade deve ser orientado para alguém e, este alguém é o Cristo; esta consagração é então expressada no serviço dos pobres, os nossos irmãos e irmãs. Tradicionalmente, encontramos esta afirmação no capítulo 25 do Evangelho de Mateus:

“Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes” (Mt 25,40).

Esta disposição de seguir o Cristo entregando-se totalmente a Ele está em conformidade com o Antigo Testamento. Sem reservas, sem esperar pelo momento certo, simplesmente, deve-se pegar a cruz e seguir o Cristo.

Para São Vicente e Santa Luísa, este dom radical de seguir a Cristo traz consigo uma obrigação e uma urgência. O selo das Filhas da Caridade lembra-nos que "*A caridade de Jesus crucificado nos impele*". Este seguimento implica uma certa "pressão"; sem negociação, somos postos ao serviço. Cada Irmã entrega-se totalmente ao Senhor em comunidade. Este é o nosso primeiro ponto.

2 - O Serviço aos nossos irmãos e irmãs pobres

“Assim, pois, meus irmãos, vamos e ocupemos-nos com um novo amor no serviço dos pobres e busquemos até mesmo os mais pobres e abandonados. Reconheçamos diante de Deus que eles são os nossos senhores e mestres, que somos indignos de lhes prestar nossos pequenos serviços” (SV, vol. XI, trecho de uma exortação de janeiro de 1657, sobre o amor aos pobres, pág. 4027).

“Sobretudo, sede muito afáveis e bondosas com vossos pobres. Sabeis que são nossos mestres a quem devemos amar com ternura e respeitar profundamente. Não basta termos isso na memória, mas, devemos demonstrá-lo por nossos serviços caridosos e afáveis” (SL, C.322, pág. 364).

O fato de chamar nossos irmãos e irmãs que são pobres de nossos "*senhores e mestres*" precisa ser mais do que uma hipérbole colorida. Sem uma compreensão clara do que realmente queremos dizer quando usamos esta expressão, não podemos apreciar plenamente a natureza de nosso serviço. Este título era muito caro a Vicente e Luísa. Ele descreve para nós a maneira como nos entregamos totalmente em comunidade a Cristo, como manifestamos este dom. O que significa para alguém ser "senhor e mestre"? Veremos em seguida como esta ideia se expressa nos votos de Pobreza, Castidade e Obediência.

3- Servir "com espírito Evangélico de humildade, simplicidade e caridade".

"...a humildade, a simplicidade, o amor á santa humanidade de Jesus Cristo, que é a perfeita Caridade, são o seu espírito" (SL, C. 420, outubro de 1652, pág. 462 - As minhas queridas Irmãs").

"Repito ainda uma vez que o espírito da Companhia, minhas Irmãs, consiste no amor de Nosso Senhor, no amor dos pobres, no amor entre vós, na humildade e na simplicidade" (SV, conf. de 9 de fevereiro de 1653, sobre o espírito da Companhia, pág. 391, cf. C. 12b).

Para nós, é obvio que as três virtudes da humildade, simplicidade e caridade sejam as que devem caracterizar o nosso serviço aos pobres. Estas virtudes permitem que uma Irmã se decentralize de si mesma, de suas próprias necessidades, desejos e pensamentos. Elas colocam uma Irmã à disposição daqueles que ela serve, porque se conhece a si mesma com clareza, comunica essa compreensão no serviço verdadeiro e faz tudo isso com amor. Quando uma Filha da Caridade age desta maneira, ela é uma verdadeira companheira daquele que é pobre. Aqueles que são pobres sentem-se à vontade e a consideram como uma das suas.

Poderíamos pensar, por exemplo, na afeição que os pobres de Paris tinham por Irmã Rosalie, no século XIX. Isso foi assim devido à maneira como olhou a si mesma:

"É preciso que uma Filha da Caridade seja como um marco na esquina de uma rua, sobre o qual todos os que passam possam descansar e colocar os seus fardos" (orientação do Padre Emery para Irmã Rosalie Rendu, quando esta tinha 16 anos).

Ela e suas Irmãs viveram entre os marginalizados e provaram suas dificuldades. Estas Irmãs conheciam seu povo e seu povo as conhecia. Rosalie ofereceu esta orientação familiar a seus amigos:

"Oh! meus queridos filhos, . . . amem os pobres, não os culpem muito. O mundo diz: "A culpa é deles. Eles são covardes,

ignorantes, ... viciosos, [e] preguiçosos. É com tais palavras que nos dispensamos da obrigação muito estrita da caridade. Odeiem o pecado, mas amem os pobres. Se tivéssemos sofrido como eles, se tivéssemos passado a nossa infância privados de toda a inspiração cristã, seríamos piores que eles” (Armand Melun, Vida da Irmã Rosalie Rendu, Filha da Caridade, o. 100, Paris, 1929).

A Comunidade da Irmã Rosalie caminhou entre seus "senhores e mestres", em uma época da Revolução onde reinava o pavor da peste. A humildade, simplicidade e caridade constituíram as marcas distintivas das Irmãs e o seu passaporte ilimitado entre aqueles que elas amavam através do serviço.

4 - O quarto voto como uma verdadeira Bússola

“Não podemos assegurar melhor nossa felicidade eterna do que vivendo e morrendo no serviço dos pobres, entre os braços da Providência e em total renúncia a nós mesmos, para seguir Jesus Cristo” (SV, vol. III, Carta 1078 a Jean Barreau, 4 de dezembro de 1648, pág. 472)

“Ah, que felicidade se, sem ofender a Deus, a companhia pudesse se ocupar somente dos pobres desprovidos de tudo!” (SL, E. 108, pág. 957).

Começamos esta reflexão com a imagem do quarto voto como uma bússola para seguir e compreender os outros votos. Consideramos a geografia e a orientação deste lugar a partir do qual podemos tentar conhecer o caráter particular dos conselhos evangélicos para uma Filha da Caridade. À medida que passamos a apreciar mais profundamente a natureza de nosso serviço àqueles que são pobres, começamos a ver onde os votos de pobreza, castidade e obediência precisam encontrar orientação em nossa vida. A forma como servimos os pobres fornece um contexto para entender como precisamos praticar esses conselhos evangélicos; pois eles dão colorido à forma como podemos e realizamos nosso serviço.

O que dizem as Constituições?

“As Filhas da Caridade... Acolhem a castidade como dom que liberta seu coração dilatando-o segundo as dimensões do coração de Jesus Cristo, por uma doação incondicional e uma total disponibilidade ao serviço dos pobres” (C. 29a).

“...a pobreza do coração... impele as Filhas da Caridade a colocar a serviço de seus irmãos e irmãs, sua pessoa, talentos, tempo, trabalho, bem como os bens materiais que consideram como patrimônio dos pobres” (C. 30a).

“A autoridade e a obediência, vividas em corresponsabilidade e subsidiariedade, comprometem-nas a uma busca e a uma aceitação humilde e leal da vontade de Deus, manifestada à Companhia de muitos modos: pelo clamor dos pobres” (C. 31b).

Estas declarações expressam o que já sabemos: que nosso serviço aos pobres orienta a forma como nos descrevemos em relação aos Conselhos Evangélicos. O horizonte de nossa primeira tarefa enriquece o significado de cada um dos votos. A razão destes votos encontra um ponto culminante e o seu objetivo essencial. Cada um dos votos contribui para a forma como podemos nos doar aos pobres e a nossa entrega neste serviço permite-nos viver estes votos fielmente e com propósito.

Vivendo o voto de serviço aos pobres, temos nossa bússola que nos guia no caminho do seguimento de Cristo. Vamos agora examinar as orientações concretas que a pobreza, a castidade e a obediência dão para seguir Cristo em nosso serviço aos pobres.

Padre Patrick GRIFFIN, CM

Questões para reflexão

1. Que parábola eu poderia contar para ilustrar a realidade do dom total? Como é que esta doação envolve todo o meu ser? Como é que isso exige que eu faça algo para além do razoável? Como posso dizer "sim" numa situação como esta? (Pense na Anunciação).
2. É possível viver o quarto voto fora da Comunidade? Como é que a Comunidade contribui para a realização efetiva deste voto?
3. Para você, concretamente, o que significa: “os pobres são os nossos "senhores e mestres"”?
4. De que maneira o serviço aos pobres dá sentido e propósito à sua vida como discípula de Cristo? Como as orientações de Paulo e dos Evangelhos ajudam você?

Sessão de Irmãs de 25 a 40 anos da vocação

Compreensão e vivência dos votos hoje

Os três votos: o discipulado como resposta

Examinamos a natureza dos votos como um seguimento de Cristo e descrevemos a direção que o quarto voto dá aos outros votos. Agora, vamos considerar os votos de pobreza, castidade e obediência. Nosso objetivo será destacar como estes votos expressam a integridade de nossa pessoa e colocá-la a serviço do Senhor através de nossos irmãos e irmãs pobres.

Talvez, vocês tenham sonhado um dia em estar no meio da multidão depois que Jesus terminou de falar e que estava sentado pacientemente, oferecendo às pessoas a oportunidade de falar com ele e responder a seus questionamentos. Ele estava pronto para escutar as reações e os questionamentos das pessoas. Se você estivesse ali, qual seria sua questão? Qual é a coisa mais importante que você gostaria de saber?

Talvez a sua pergunta fosse semelhante àquela que eu gostaria de fazer, a saber, como fazer para segui-Lo mais de perto e o que realmente está me atrasando. Eu gostaria de perguntar o que é mais importante para mim para ser um discípulo fiel. Gostaria que ele me dissesse como posso viver com ele para sempre. Essa é essencialmente a questão: "Como chegar ao céu?" mas na presença dele, seria muito mais pessoal, mais íntima. Outra forma de dizer seria: "Como posso segui-lo mais fielmente?"

Na verdade, como sabemos, diferentes pessoas fizeram esta pergunta a Jesus várias vezes e Ele deu a mesma resposta, mas de maneiras diferentes. Às vezes, Jesus respondia à pergunta de maneira simples e direta, às vezes

ele contava histórias e propunha parábolas que respondiam à pergunta de forma narrativa; e às vezes encorajava as pessoas a responderem a pergunta por si mesmas. Sim, Jesus respondeu a esta pergunta várias vezes, por isso devemos prestar atenção à resposta que ele dá porque, como tantas vezes na Escritura, Jesus também responde à nossa pergunta contemporânea. A resposta que ele nos daria provavelmente não seria muito diferente daquela que deu às nossas irmãs e irmãos há tantos anos. A comunidade cristã lembrou-se dos seus ensinamentos no Novo Testamento. As páginas do Evangelho conservam para nós as respostas de Jesus.

Esta conferência está organizada em três partes. Na primeira parte, vou considerar três circunstâncias diferentes nas quais Jesus responde a esta pergunta. Na atenção dada a cada situação, apontarei um encorajamento assim como um desafio para viver um dos conselhos evangélicos. Numa segunda parte, veremos como o voto específico da Companhia reflete a resposta de Jesus à pergunta feita. Numa terceira parte, examinaremos a luz que estes diálogos derramam sobre a vivência dos conselhos evangélicos nos votos de uma Filha da Caridade.

Santo Agostinho ensinou que um pregador só precisa de um sermão: sobre o amor de Deus e o amor ao próximo. O que ele queria dizer era que cada sermão deveria ter estes elementos na sua base. O amor a Deus e o amor ao próximo expressam o núcleo da mensagem cristã. Toda Comunidade de vida consagrada deve basear-se nesta mensagem e expressá-la de uma forma ou de outra. As páginas do Evangelho que vamos aprofundar enfatizam estes dois elementos. Esta realidade não deve escapar-nos.

I. Três histórias para responder a uma única pergunta

O primeiro mandamento: obediência

“Naquele tempo, um escriba aproximou-se de Jesus e perguntou: “Qual é o primeiro de todos os mandamentos?” Jesus respondeu: “O primeiro é este: Ouve, ó Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento

e com toda a tua força! O segundo mandamento é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo! Não existe outro mandamento maior do que estes”. O mestre da Lei disse a Jesus: “Muito bem, Mestre! Na verdade, é como disseste: Ele é o único Deus e não existe outro além dele. Amá-lo de todo o coração, de toda a mente, e com toda a força, e amar o próximo como a si mesmo é melhor do que todos os holocaustos e sacrifícios”. Jesus viu que ele tinha respondido com inteligência e disse: “Tu não estás longe do Reino de Deus”. E ninguém mais tinha coragem de fazer perguntas a Jesus” (Mc 12, 28-34).

No Evangelho de Marcos encontramos a apresentação mais agradável da pergunta *"Qual é o primeiro de todos os mandamentos?"* e a resposta de Jesus. Estas palavras do Senhor são colocadas em um contexto bastante significativo.

Primeiramente, percebemos que Jesus coloca sua resposta no contexto do *"Shema Israel" ("Ouve, Israel")*, a exortação fundamental ao povo judeu. Este quadro enfatiza como é fundamental a necessidade de amar a Deus com tudo o que somos e tudo o que isto engloba. O povo de Israel faz deste grito a sua afirmação e resolução fundamentais.

Segundo, notamos que o autor bíblico não nos apresenta essa verdade uma vez, mas a repete na boca do escriba, que obviamente captou a essência do ensinamento de Jesus. A repetição da resposta é uma boa pedagogia. Mostra que de uma certa forma a resposta foi compreendida e interiorizada. Este também deveria ser o nosso caso ao escutarmos novamente as palavras de Jesus, ligeiramente reformuladas nos lábios do nosso amigo, o sábio judeu.

Em terceiro lugar, observem que o escriba privilegia este ensinamento sobre todas as práticas importantes do judaísmo em relação às oferendas em holocaustos e sacrifícios. Ele não diz que essas outras práticas são inúteis, mas apenas que o amor de Deus e do próximo está acima desses ritos. Precisamos ouvir isto. Às vezes podemos preferir outras práticas de nossa fé ao apelo mais importante de sermos aqueles que amam. Estas outras práticas são preciosas e têm o seu lugar, mas não estão acima do amor de Deus e do próximo. Este diálogo leva-nos a refletir sobre este ponto.

Finalmente, quando Jesus ouviu as palavras do escriba, ele reconheceu a sua capacidade de compreensão. O escriba não somente pronunciava palavras, mas sabia o seu significado e emprego. Que dom maravilhoso e que esforço! Jesus reconhece quão próximo está o coração deste homem do Reino de Deus. A pergunta feita, naturalmente, tinha este objetivo e propósito: aproximar-se da presença do Senhor pela atenção ao essencial. Esta é a definição do seguimento de Cristo.

Neste simples diálogo, então, encontramos uma riqueza de lições. Se lermos a pergunta feita a Jesus a partir da perspectiva do voto de obediência, surge uma ideia interessante. O escriba pergunta: "*Qual é o maior mandamento?*" e Jesus convida-o imediatamente: "*Shema*", "*Ouve!*" Antes de podermos falar de obediência, temos de ouvir com atenção. É preciso ouvir o que o Senhor tem a dizer e a concretização destas palavras nos ensinamentos e diretivas da Igreja e assim como a dos superiores legítimos. Uma vez ouvido e compreendido o que é solicitado, a pessoa coloca em prática com sua vontade. Tudo começa com a escuta e compreensão do pedido que se segue. A obediência não implica a renúncia à liberdade ou à vontade, exceto na medida em que as compromete. Optamos por agir com abertura e responsabilidade pessoal.

Jesus não chama a atenção para atos particulares de amor, mas para o próprio amor: amar a Deus e amar os outros. Então, ele diz que todos os outros mandamentos dependem destes dois. Todos os atos subsequentes de atenção às questões da nossa fé, dos nossos "holocaustos" e "sacrifícios", devem ser medidos em função do apelo desta diretiva fundamental. A esta luz, estes atos são um chamado a viver a obediência.

Na Última Ceia, Jesus fala aos discípulos do maior mandamento para insistir na fiel observância deste ensinamento:

"Dou-vos um mandamento novo: Amai-vos uns aos outros como eu vos amei" (Jo. 13, 34).

Notem que Jesus chama suas instruções de '*mandamento*', algo a ser observado. Assim, uma leitura da resposta de Jesus à pergunta sobre o maior mandamento nos compromete com a virtude e o voto de obediência como expressão de nosso amor em liberdade.

O homem rico: a pobreza

“Naquele tempo, quando Jesus saiu a caminhar, veio alguém correndo, ajoelhou-se diante dele e perguntou: “Bom Mestre, que devo fazer para ganhar a vida eterna?” Jesus disse: “Por que me chamas de bom? Só Deus é bom, e mais ninguém. Tu conheces os mandamentos: não matarás; não cometerás adultério; não roubarás; não levantarás falso testemunho; não prejudicarás ninguém; honra teu pai e tua mãe”. Ele respondeu: “Mestre, tudo isso tenho observado desde a minha juventude”. Jesus olhou para ele com amor e disse: “Só uma coisa te falta: vai, vende tudo o que tens e dá aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois vem e segue-me!” Mas quando ele ouviu isso, ficou abatido e foi embora cheio de tristeza porque era muito rico” (Mc 10, 17-22).

A atitude do homem rico encontra-se de alguma forma entre a do escriba que questiona Jesus e a do doutor da lei que questiona Jesus. O escriba compreendeu imediatamente a mensagem de Jesus e concordou com ele sobre o que precisava ser feito; o doutor da lei, como veremos, compreendeu a importância da resposta e quis limitar o seu envolvimento. A pergunta e resposta do homem rico fazem uma narrativa dramática; deixa claro que Jesus olha para ele com amor antes de lhe dar a resposta final. O homem rico tinha vivido fielmente, mas quando Jesus lhe explica o sentido da dedicação total a Deus e ao próximo, o homem rico não aceita a condição. Os seus bens são demasiado importantes para ele; não está pronto para amar completamente e desistir de tudo. Também não está preparado a abraçar a "pobreza" como Jesus a define, e por isso não está disposto a entregar-se totalmente para seguir o Senhor.

O homem rico não é um homem mau; sabe escutar e é compreensivo, mas para ele o último passo está além de seus limites e Jesus sabia disto. Como com o escriba, Jesus reconhece a capacidade de compreensão deste homem rico, porém, não tem a capacidade de escolher seguir Jesus sem reservas. O texto nos diz: "*ele era muito rico*". Não podia seguir o Senhor porque não podia aceitar a "pobreza". O problema não está em seu amor a Deus e ao próximo, podemos acreditar que este homem os vive bem. Simplesmente não pode renunciar a seus bens. O chamado está além de

sua capacidade de um amor mais profundo; não pode aceitar abandonar tudo pelo que é mais importante, então parte cheio de tristeza.

Também podemos ficar entristecidos ao reconhecer neste homem rico algo que se assemelha a nós. Reconhecemos que não damos uma parte de nós mesmos ao Senhor por causa de nossa falta de vontade de abrir mão de algo. Dar um nome a esse "algo" é importante. Enquanto não o fizermos, não podemos ser totalmente "pobres" para expressar plenamente nosso amor. Não podemos abraçar totalmente a promessa inscrita no voto de pobreza. O homem rico não é um estranho para nós.

O bom Samaritano: a castidade

“Naquele tempo, um mestre da Lei se levantou e, querendo pôr Jesus em dificuldade, perguntou: “Mestre, que devo fazer para receber em herança a vida eterna?” Jesus lhe disse: “Que está escrito na Lei? Como lês?” Ele então respondeu: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração e com toda a tua alma, com toda a tua força e com toda a tua inteligência; e a teu próximo como a ti mesmo!” Jesus lhe disse: “Tu respondeste bem. Faze isso e viverás”. Ele, porém, querendo justificar-se, disse a Jesus: “E quem é o meu próximo?” Jesus respondeu: “Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos de assaltantes. Estes arrancaram-lhe tudo, espancaram-no, e foram-se embora deixando-o quase morto. Por acaso, um sacerdote estava descendo por aquele caminho. Quando viu o homem, seguiu adiante, pelo outro lado. O mesmo aconteceu com um levita: chegou ao lugar, viu o homem e seguiu adiante, pelo outro lado. Mas um samaritano que estava viajando, chegou perto dele, viu e sentiu compaixão. Aproximou-se dele e fez curativos, derramando óleo e vinho nas feridas. Depois colocou o homem em seu próprio animal e levou-o a uma pensão, onde cuidou dele. No dia seguinte, pegou duas moedas de prata e entregou-as ao dono da pensão, recomendando: “Toma conta dele! Quando eu voltar, vou pagar o que tiveres gasto a mais”. E Jesus perguntou: “Na tua opinião, qual dos três foi o próximo do homem que caiu

nas mãos dos assaltantes?” Ele respondeu: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”. Então Jesus lhe disse: “Vai e faze o mesmo” (Lc, 10,25-37).

Na parábola do Bom Samaritano o mestre da lei pergunta a Jesus: *"Mestre, que devo fazer para receber em herança a vida eterna?"* Jesus responde com uma pergunta e isto interpela o mestre da lei que responde corretamente: amar a Deus com todo o seu ser e ao próximo como a si mesmo". Em nosso primeiro exemplo, Jesus deu a mesma resposta ao escriba, mas com uma importante exceção que era o contexto do *"shema"*, neste *"escuta, tenha cuidado"*, o mestre da lei não consegue encontrar a resposta neste contexto, pois ainda não estava pronto para "ouvir" ou obedecer aos ensinamentos que já conhecia. Ele procura moderar a resposta à poderosa instrução recebida.

O mestre da lei procura descobrir os limites da sua responsabilidade para com os outros. Ele pergunta: *"E quem é meu próximo?"* Esta pergunta faz Jesus contar uma das parábolas mais conhecidas: a do Bom Samaritano". A ênfase está na responsabilidade que uma pessoa tem para com a outra. Os ladrões obviamente feriram a vítima. Os dois homens da classe sacerdotal passaram indiferentes ao seu próximo. Observe o detalhe na descrição da cena. O sacerdote e o levita veem o homem ferido, mas eles escolheram não agir. A parábola insiste que estes homens passam do outro lado, atravessam a rua para evitar este próximo em necessidade.

Apenas o samaritano, que vem de uma região menosprezada, reage corretamente em favor da vítima. A parábola nos ensina que ao invés de atravessar a rua para evitá-lo, ele se aproxima e depois dá "seu tempo, seus talentos e seu tesouro". Ele demonstra uma estima extraordinária para com o ferido. Ele continua este serviço durante toda a noite e está comprometido com o futuro. Ele poderia ser uma Filha da Caridade com os cuidados pessoais e no tempo que ele dedica. Além disso, ele busca um colaborador na pessoa do hospedeiro. Ele confia nos outros.

Ao apresentar esta situação ao seu interlocutor, Jesus muda a pergunta que tinha sido feita. *"E quem é meu próximo?"*. Ao invés de ser a pessoa em posição de poder que decide quem vai ser servido, é a pessoa servida que reconhecerá seu próximo naquele que lhe oferece um serviço. *"Qual dos três, na sua opinião, era o próximo do homem que caiu*

nas mãos dos bandidos?". Esta escolha é baseada na experiência de ser servido, não na origem social, nem nas preferências do doador.

Observem aqui o aspecto inclusivo. O samaritano não age por interesse próprio ou afinidade, mas por amor àquele que é servido. Como a castidade, que não se limita a uma única pessoa que tem algum direito à minha atenção, há um amor universal no Samaritano. Ele ajuda o outro porque precisava de ajuda e não porque tinha direito a ela.

A castidade chama nossa atenção para o que merece respeito e consideração na outra pessoa. Nesta parábola do Bom Samaritano, Jesus nos convida a considerar como isso se concretiza na atenção especial que damos a quem precisa. No contexto do amor casto, podemos ouvir o chamado para torná-lo um modelo para nossas relações uns com os outros em nossa busca pela vida eterna.

II. O voto específico, a resposta e o contexto

Todos nós observamos que a pergunta fundamental que as pessoas fazem a Jesus durante todo o seu ministério é: "*O que devo fazer para herdar a vida eterna?*" Em resposta, ele repetidamente enfatiza dois valores: o amor a Deus e o amor ao próximo. A Bíblia apresenta estes valores de muitas maneiras. No Evangelho de João, por exemplo, depois da ressurreição, Jesus convida Pedro a fazer uma tríplice confissão do seu amor (amor de Deus), seguida do chamado a alimentar seus cordeiros/ovelhas (amor ao próximo). A última cena de julgamento em Mateus 25 enfatiza repetidamente esta verdade - "*sempre que o fizestes a um destes meus irmãos e irmãs mais pequeninos, foi a mim que o fizestes*". "Com um pouco de reflexão, podemos reconhecer como esses dois valores desempenham um papel fundamental na lição de muitas histórias do Evangelho.

O voto específico da Filha da Caridade integra estes dois ensinamentos, como já vimos. Uma Filha da Caridade decide dar toda sua vida a Deus (amor a Deus) a serviço dos pobres (amor ao próximo). Um leva naturalmente ao outro. É assim que deve ser. Se uma Filha da Caridade perguntasse ao Senhor: "*qual é o maior mandamento*" ou "*o que*

devo fazer para ter a vida eterna como minha herança" ou "como posso permanecer sempre perto de ti? " a resposta do Senhor seria a seguinte: *"Dá-me toda tua vida em comunidade para o serviço dos pobres"*. Existe uma diferença efetiva entre esta orientação e o ensinamento de amar a Deus com todo o coração e de amar o próximo como a si mesmo? Logo, uma é a expressão particular da outra através do prisma de nosso carisma.

Com esta consciência, podemos ver como os conselhos evangélicos e as virtudes que deles emanam facilitam a vivência deste grande ensinamento e o expressam em determinados contextos. Pobreza, castidade e obediência descrevem as maneiras pelas quais uma Filha da Caridade pode concretizar e enriquecer seu desejo de amar a Deus acima de tudo no serviço aos mais necessitados. Os Votos fluem do seu fiel desejo de se conformar com a resposta do Senhor à sua pergunta mais íntima sobre a direção de sua vida.

III. A questão, a resposta e o contexto para uma Filha da Caridade

Na primeira parte desta conferência, fizemos três vezes a pergunta sobre o mandamento mais importante e ouvimos a resposta e a relação que se pode encontrar com os conselhos evangélicos. Na segunda parte, reconhecemos como o quarto voto de uma Filha da Caridade expressa o mesmo chamado a amar a Deus e a amar o próximo. Nesta terceira parte, vamos examinar brevemente como o contexto do quarto voto dá uma cor particular às lições da primeira parte.

O quarto voto e o escriba: a obediência

Lembre-se de que quando o escriba pergunta a Jesus *"Qual é o primeiro de todos os mandamentos?"* Jesus introduz a sua resposta com a palavra: *'escuta'*. Vicente prestou particular atenção à necessidade de seus discípulos estarem atentos às palavras do Senhor:

"Falai-nos, pois, Senhor, falai-nos vós mesmo. Eis-nos, como outros tantos servos, a escutar-vos... Nós, ao invés, vos suplicamos que nos faleis, para vivermos, e viveremos da vida de Jesus Cristo. Dizei meus irmãos... dizei a Deus: "Falai-nos, Senhor, falai-nos, vós" (SV, vol. XII, pág. 205, conf. de 18 de abril de 1659. Sobre a humildade).

Já notamos que o chamado à obediência coloca o homem em posição de amar a Deus e ao próximo. A este respeito, para uma Filha da Caridade, o serviço dos irmãos mais pobres depende de sua disponibilidade para escutar com respeito aqueles que lhes permitem cumprir a tarefa da maneira mais completa e eficaz. A obediência não é tanto um abandono da vontade, mas sim uma dedicação de si mesmo à realização de um objetivo comum da maneira mais competente. Servimos os pobres porque usamos os nossos melhores recursos ao longo do tempo e com outros. O amor de Deus se expressa nesta livre decisão de trabalhar juntos sob a autoridade de alguém.

"só nos serve de consolo, a submissão que devemos ter à divina Providência, juntamente com a santa obediência pela qual morreu o Filho de Deus. Em seu santo amor, sou, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva" (SL, C. 411, pág. 452).

Vicente estava convencido da relação existente entre o amor ao próximo e a obediência. Ele considerou que um leva ao outro e que ambos, juntos, têm um mérito particular:

"Por exemplo, estais no serviço dos doentes; o que é por si mesmo uma boa obra e de grande mérito. Se não estivésseis obrigadas a isso pela obediência, teríeis apenas o mérito da obra; se os servis por obediência, tendes dois méritos, o da obra e o da obediência. Devíamos desejar, se fosse possível, agir sempre por obediência" (SV, conf. de 7 de agosto de 1650, sobre a obediência, pág.338).

A serviço de nossos irmãos e irmãs marginalizados, realizamos, portanto não só um ato de caridade, mas também um ato de obediência que guia e motiva nossa ação. Observem mais uma vez que quando Jesus

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

instrui os discípulos na Última Ceia, ele lhes dá um mandamento, e não uma sugestão: “*Como eu vos amei, vós também amai-vos uns aos outros*” (Jo 13, 34). Nossa resposta de amor é um ato de obediência.

O quarto voto e o homem rico: a pobreza

Podemos compreender a tristeza que invadiu o coração de Jesus quando ele viu o homem rico afastar-se. Mesmo sendo uma boa pessoa, este homem ainda não podia abandonar tudo para o seguimento de Jesus e para o benefício dos pobres. Em seu quarto voto, uma Filha da Caridade promete ao Senhor o dom total de si mesma e de seus bens para o serviço dos pobres.

As Constituições dão indicações para uma Filha da Caridade em relação à pobreza. C. 30a insiste que a pobreza impele as Irmãs “*a colocar a serviço de seus irmãos e irmãs, sua pessoa, talentos, tempo, trabalho, bem como os bens materiais que consideram como patrimônio dos pobres*”. Infelizmente, o homem rico do Evangelho não podia ter essa visão, então ele teve que se afastar de Jesus. Ele não podia abraçar a profundidade do amor e do serviço que lhe teria sido exigida. Ele foi impedido pelos seus bens. Uma Filha da Caridade deve ser cautelosa porque, da mesma forma, qualquer obstáculo pode bloquear sua caminhada para o Senhor. Jesus dá-lhe o mesmo conselho que deu ao homem rico: “*Vai e livra-te de tudo o que te impede e segue-me*”. Na Companhia, a Filha da Caridade escolhe este caminho a cada ano, renovando seus votos. Vicente fala com veemência da nossa tendência para criar apegos que nos paralisam:

“Entristece-me o que me dizeis sobre as Filhas da Caridade, que elas deram motivos para pensar que desejam ser mais limpas do que são, seja no vestuário ou na hora de dormir, e em coisas semelhantes. Peço-vos, Senhor, que trabalheis para que elas se estabeleçam na prática da perfeita pobreza, humildade e mortificação e que as ajudeis nisto” (Coste V, 228 L. 1803, 20 de novembro de 1654).

Luísa tinha uma grande consideração pela pobreza e pela capacidade de permitir que ela se desse mais livremente no amor. Podia-se ouvir aqui uma resolução para evitar cair na mesma armadilha que o homem rico:

“Esteja sempre em meu coração o desejo da santa Pobreza, para que, livre de tudo, possa seguir Jesus Cristo e servir meu próximo com toda a humildade e mansidão, vivendo em obediência e Castidade toda minha vida, honrando a pobreza de Jesus Cristo por Ele vivida com tanta perfeição” (SL, E.7, pág. 786)

O quarto voto e o bom Samaritano: a castidade

A parábola do bom Samaritano chama mais uma vez nossa atenção para o quarto voto e o desejo de nos entregarmos totalmente a Deus no serviço do outro. Neste caso, podemos discernir nesta parábola uma ênfase especial na castidade. São Vicente nos ensina isto em vários níveis: *“Dai-me um homem que ama só a Deus, uma alma enlevada em contemplação, que não pensa em seus irmãos, oh! essa pessoa, experimentando um prazer muito agradável nessa maneira de amar a Deus, que lhe parece único amável, fica a saborear essa fonte infinita de doçura. Eis um outro que ama o próximo, mas que o ama por amor de Deus. Qual é, pergunto-vos, desses amores o mais puro e o menos interessado?” (SV, vol. XII, pág. 266. conf. de 30 de maio de 1659, sobre a caridade).*

Os nossos corações vicentinos permitem-nos responder facilmente a esta pergunta. Não podemos separar o amor do próximo do amor de Deus. Um está articulado ao outro. As nossas Constituições expressam:

“Acolhem a castidade como dom que liberta seu coração dilatando-o segundo as dimensões do coração de Jesus Cristo, por uma doação incondicional e uma total disponibilidade a serviço dos pobres” (C. 29a).

Em nosso Livro de “Instrução sobre os votos”, lemos:

“O Evangelho nos mostra sempre como Jesus viveu a castidade. Em suas relações, singularmente alargadas, tendo em conta as tradições de seu meio e da sua época, Ele atinge o mais íntimo da personalidade do outro”. (Instrução sobre os votos das Filhas da Caridade, pág. 46).

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

O exemplo de Jesus na experiência da castidade serve de modelo para a Filha da Caridade. Sua maneira respeitosa, mas dinâmica de relacionar-se com os outros, especialmente com os pobres, ilustra como uma Filha da Caridade deve viver seu quarto voto. Com o coração de Jesus, ela assume o papel do Bom Samaritano que, de boa vontade, a faz chegar aos aflitos e responder às suas necessidades com generosidade e ternura. Com amor casto, ela expressa o dom de si mesma tanto para Deus como para os necessitados. O rigor com que o Samaritano responde à necessidade da vítima mostra o cuidado integral com que a Companhia é desafiada a responder na caridade à exortação de Cristo crucificado. Isto inclui tanto um sentido físico como um sentido espiritual.

CONCLUSÃO:

A pergunta sobre o maior mandamento foi feita várias vezes a Jesus. A sua resposta constante, ilustrada de várias maneiras, foi sempre "*ama a Deus e ama o teu próximo*". Ao examinarmos as diferentes histórias, discernimos em cada uma delas uma possível afirmação e desafio aos conselhos evangélicos tal como eles são vividos na Companhia. Sugerimos que a resposta coerente em si esteja expressa em nosso quarto voto. Se descrevermos sucintamente os conselhos evangélicos como um abandono da vontade, dos bens e da exclusividade, podemos compreender como o quarto voto os une. A exortação de São Vicente oferece um pequeno catecismo:

“Deixemos tudo para servir a Deus e ao próximo” (SV, vol. XI, pág. 448, Partilha da oração de 11 de novembro de 1657).

Padre Patrick GRIFFIN, CM

Perguntas para reflexão:

1. Entre as diferentes respostas dadas por Jesus à pergunta sobre o maior mandamento, qual é a que mais lhe atrai? Qual das histórias fala mais pessoalmente para você em sua situação atual?
2. Você está convicta de que o quarto voto incorpora a resposta de Jesus à pergunta feita? Você consegue ouvir Jesus lhe propor este voto em resposta à sua pergunta sobre o que é mais importante para você como Filha da Caridade?
3. Há muitas maneiras bem conhecidas de crescer no amor de Deus. Quais são os meios para crescer no amor ao próximo e que podem ser muito exigentes e ainda mais difíceis? É fácil amar a Deus; porém, nem sempre é o caso com nossas Irmãs e nossos "senhores e mestres". Diante desta realidade, que papel desempenham os votos?

A

Província da África Central

“Os projetos de Deus não são os nossos!”
A nova missão de Kiguhu
(Burundi)

Atualidades da Província

Em janeiro de 2016, a pedido do Bispo Bonaventure NAHIMANA, ordinário do lugar, as Filhas da Caridade da Província da África Central instalaram a nova missão em Kiguhu. Há muito tempo, este bispo desejava nossa presença nesta Missão, que é pobre em agentes pastorais e de saúde, para que pudéssemos ajudar nos cuidados de enfermagem, na catequese e no funcionamento da vida paroquial.

Sendo uma catequista formada e experiente, a Irmã Imaculada NTAWÉ pôs-se à disposição do pároco para dar catequese no Liceu e ajudar na secretaria da paróquia. Ela também trabalhou para levantar fundos para a paróquia que se encontrava em dificuldades.

A terrível noite de 24 de abril de 2016

O pároco de nossa paróquia em Kiguhu, Padre Serge, era um sacerdote que se entregou totalmente a seus paroquianos; viveu perto deles, compartilhando de suas alegrias e tristezas, acompanhando-os em todas as etapas da vida. A pastoral era realizada em todas as capelas que compunham a paróquia. Durante muito tempo, muito

antes de nossa chegada a Kiguahu, o pároco tinha planejado celebrar uma missa de ação de graças em sua antiga escola, onde tinha feito os seus estudos secundários. Ele convidou o coral da escola para cantar na missa. Quando chegamos na paróquia, ele imediatamente nos falou sobre seu projeto e pediu uma Irmã para acompanhar os cantores. Quando chegou o dia, a Irmã Imaculada, que conhecia bem os estudantes, porque dava-lhes o catecismo, ofereceu-se para acompanhá-los.

No dia D, o pároco, a Irmã Imaculada, o Padre Jean Baptiste, o prefeito de estudos desta escola secundária e os 127 jovens entraram num grande caminhão (o único meio de transporte em recantos remotos como o nosso) em direção à escola secundária de Gitega. Durante a viagem, os jovens cantavam cheios de alegria no coração. Ao chegar em Gitega, foram recebidos pelos estudantes e professores da escola secundária. A Missa, animada pelos dois grupos de estudantes do ensino secundário, foi muito bonita e seguida por um momento festivo. Durou até à noite. A Irmã Imaculada ligou para sua Irmã Servente, contando-lhe como tudo estava acontecendo. No final da tarde, o grupo partiu de volta para casa. O Padre Serge estava feliz por ter regressado à sua antiga escola para dar graças ao Senhor por sua vocação de sacerdote e os jovens, por terem conhecido outros jovens cristãos de sua região. No caminhão, todos cantavam canções de louvor. Faltando ainda trinta quilômetros, a Irmã Imaculada telefonou à sua Irmã Servente para lhe dizer que chegariam em breve. Em seguida, o caminhão entrou em uma estrada de terra batida. E, dez quilômetros depois, o desastre sobreveio. Ninguém sabe o que aconteceu, pois, o motorista morreu no local.

A solidariedade da população

Quando a Irmã Servente soube do acidente, dirigiu-se até o local com o vigário paroquial que levou consigo os Santos Óleos para ungir os feridos graves. Quando chegaram ao local, viram a tragédia: os feridos e os agonizantes estavam aos gritos, havia corpos sem vida ou desacordados no chão, com sangue para todo o lado. Além disso, as sirenes das ambulâncias podiam ser ouvidas de longe; era tudo muito sombrio. O pároco, a Irmã Imaculada, o professor responsável e dezesseis jovens estavam mortos.

Testemunha das Irmãs

A urgência era salvar aqueles que ainda respiravam. Os esforços de socorro foram organizados de uma forma extraordinária e constatamos a grande solidariedade que existe nesta população.

Assim que os paroquianos de Kiguhu souberam da notícia, os pais desejavam informações sobre os seus filhos. Podemos imaginar o sofrimento deles quando encontraram os seus filhos mortos ou gravemente feridos. Uma verdadeira via sacra! Uma multidão de pessoas foi ao local do acidente para prestar socorro, trabalharam toda a noite para evacuar os feridos.

Toda a região de Rutana se mobilizou. Muitas pessoas consagradas e padres foram imediatamente para o local. O bispo local ficou para organizar o acolhimento dos feridos no hospital de Rutana. Todos os veículos da diocese foram postos à disposição para evacuar os feridos e os mortos.

Do lado dos civis e das autoridades, todos os táxis, ônibus, carros da polícia, militares e ambulâncias foram liberados para ajudar na evacuação. Durante a noite de 24 de abril de 2016, a solidariedade do povo de Rutana foi claramente visível. Todos os hospitais e Centros de Saúde abriram as suas portas, as equipes médicas trabalharam toda a noite para socorrer e salvar aqueles que podiam ser salvos.

A vida de comunhão dentro da população de Kiguhu

Desde o dia desse acidente até hoje, tem havido uma grande vida de comunhão. Os corpos das vítimas foram enterrados em frente da nova Igreja em construção e todos os dias, independentemente do tempo, as sepulturas são visitadas. Pais, irmãos e irmãs, amigos vêm para se reunirem e rezarem. As missas são celebradas todos os dias, pedidas pelos pais, amigos, estudantes do ensino secundário e muitos outros. Fomos informados que também celebram missas nos quatro cantos do mundo para todas as vítimas e suas famílias.

O Ministério da Solidariedade disponibilizou muitos recursos para cuidar dos feridos e facilitar a evacuação dos feridos graves para vários hospitais do país, e também forneceu ajuda material às famílias que tinham perdido um de seus entes queridos no acidente.

Os cristãos de Kiguhu vão regularmente visitar as famílias atingidas por esta fatalidade para reconfortá-las em seu sofrimento. Muitos também vêm ter conosco para manifestar a sua solidariedade pela perda da Irmã Imaculada, manifestando-nos seu temor sobre a possibilidade das Irmãs deixarem a Missão. Os próprios estudantes do ensino secundário decidiram fazer uma coleta financeira para partilhar com as famílias que sofrem e expressar-lhes sua solidariedade.

Depois deste desastre, nossa vida na Missão Kiguhu não é mais a mesma. Nossa vida está bem interligada a todas estas pessoas tão religiosas e unidas entre elas. Sentimos que este episódio nos enraizou no meio de toda a população e nos aproximou uns dos outros. O Abade Serge é o terceiro sacerdote que desaparece tragicamente, mas este povo mantém uma fé firme, à espera de compreender o que o Senhor deseja dizer-lhes.

Com o povo de Kiguhu, acreditamos na comunhão dos santos, acreditamos que os nossos estão agora na glória do Pai, que o contemplam e o louvam cantando infinitamente. Acreditamos também que eles rezam e intercedem por nós que, com eles, caminhamos nesta terra.

“Que o Senhor da Glória nos conduza aos seus projetos infinitamente maiores que os nossos. Amém”!

Irmã Christine NDAYISENGA
Filha da Caridade da Comunidade de Kiguhu